



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECONCÂVO DA BAHIA – UFRB
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – CFP
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

CAROLINA MELO DO NASCIMENTO

A INFLUENCIA DA MIDIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA
NEGRA.

Amargosa

2017

CAROLINA MELO DO NASCIMENTO

A INFLUENCIA DA MIDIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA
NEGRA.

Monografia apresentada ao Curso de Graduação de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia UFRB, no Centro de Formação de professores CFP, como requisito parcial para obtenção do Grau em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Fatima Aparecida Silva

AMARGOSA

2017

A INFLUENCIA DA MIDIA NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DA CRIANÇA
NEGRA.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Pedagogia, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado (a) em Pedagogia, pela seguinte banca examinadora.


SIAPE: 1528520

Prof.^a Dr.^a FATIMA APARECIDA SILVA Orientadora

Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Ceará, UFC
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, em Amargosa-BA.

Prof.^a Me MAICELMA MAIA SOUZA Examinadora

Mestra em Educação Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, em Amargosa-BA.

Prof. Me CARLOS ADRIANO, DA SILVA OLIVEIRA Examinador

Mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB, em Amargosa-BA.

Amargosa, 26, setembro de 2017

Dedico esta monografia primeiramente a Deus por ter me dado o dom da vida, e não ter me deixado desistir e fraquejar, tendo me sustentado na Fé durante esse tempo de estudo e durante a minha vida inteira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado saúde força e a fé para superar as dificuldades e as barreiras encontradas no caminho, só Deus e eu sabemos o quanto foi difícil chegar até aqui, quantas lágrimas sorrisos e algumas noites perdidas, mas eu consegui.

A minha mãe, Rosa Maria Figueredo Melo, pela atenção, amor, força, paciência, e fé que nunca há faltou, nos momentos bons e ruins.

Ao meu pai Antônio Conceição do Nascimento por todo incentivo e exemplo de perseverança.

Aos meus avós em memória e a minha vó Lurdes pelo exemplo de vida e honestidade, a minha Família Melo e a Nascimento.

Aos meus irmãos que sempre me incentivaram, Daiana Nascimento, Daise Nascimento, Mariza Melo, Tiago Melo, Uelson Nascimento, Vanderlei Nascimento, obrigado pelo amor e apoio, tudo que fiz e faço é pensando em vocês e nos meus sobrinhos.

A Willian Sapucaia pelo carinho amor e paciência nesse tempo juntos, respeitando minhas razões, sempre esteve do meu lado, nos momentos bons e principalmente nos mais difíceis, não posso deixar de agradecer a sua família Sapucaia, pelo exemplo de amizade carinho e união, em especial a Maria Rosa Sapucaia e a João Sapucaia pela paciência e carinho nesses 3 anos vocês se tornaram minha família e a dona Roquelina pela companhia de sempre e longas conversas.

Não posso esquecer de agradecer aos meus amigos que estiveram do meu lado a vida inteira, por não terem desistido de mim mesmo com toda ausência, e distância em especial Ana Paula Lima, Ana Paula Araújo, Jean Silva, Lenna Mirian, Rose Costa. As meninas que moraram comigo neste tempo de república Nilda, Camila, Lú, que estiveram do meu lado e contribuíram para minha permanência em Amargosa e de alguma forma na minha formação.

Andreia Vanessa não posso deixar de te dizer obrigada por ter aguentado todos os meus choros e falta de paciência, obrigada pela nossa amizade e intermináveis conversas.

A minha galera do fundo, Adenise Barreto, Fabiana Celeste, Fabio Caetano, Hildeval Aragão, Silvana Almeida e Isabela Leandra, com vocês comigo foi muito mais divertido e prazeroso esta caminhada, a Juliana Lírio pela companhia e pelo incentivo ao longo do tempo e principalmente nos momentos finais dessa caminhada acadêmica e a todos que passaram na minha vida e contribuíram para essa realização, a minha formatura.

E por último, mas não menos importante a minha orientadora Fátima Aparecida da Silva pelo suporte teórico, pelas orientações, incentivos e pela paciência comigo sempre, obrigada por acreditar em mim e me apoiar nessa caminhada sem você essa caminhada seria muito mais difícil.

A todos vocês foram peças fundamentais para que esta realização acontecesse.

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião.

Para odiar, as pessoas precisam aprender; e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar. ”

(Nelson Mandela)

Resumo:

A pesquisa teve como objetivo compreender as narrativas das crianças negras que participaram da Oficina Pedagógica, intitulada: O Negro na Mídia, desenvolvida com alunos e alunas de escolas da rede municipal do município de Amargosa/BA. Na Oficina foi desenvolvida uma dinâmica para observar como as crianças negras se percebiam quando eram apresentado (a) a elas referencias de atores e atrizes negros e negras. Para análise dos dados, que no caso desta pesquisa são as narrativas das crianças negras, adotamos o *método qualitativo* de pesquisa e análise de discurso. Para atingir os objetivos propostos, o estudo foi desenvolvido em três capítulos, sendo: “Relações raciais na mídia Brasileira”; “A televisão brasileira e as crianças negras”; ”Os percursos metodológicos da pesquisa”, e as considerações finais. Nossas análises revelaram que as crianças que participaram da Oficina negam identificações positivas no que se refere às questões voltadas para sua identidade racial, revelando o quanto são necessárias ações que possibilitem que as crianças negras construam referências positivas no trato de sua identidade racial, pois consideramos que a identidade é construída através do tempo, posicionamento político e sem dúvidas referencias positivas da população negra ao longo da vida e principalmente na infância.

Palavras-chave: Crianças negras; narrativas; identidades.

SÚMARIO

Resumo:	8
SÚMARIO	9
INTRODUÇÃO	10
2. RELAÇÕES RACIAIS NA MÍDIA BRASILEIRA	16
2.1 Representações dos atores negros da mídia televisiva brasileira.	23
3. A TELEVISÃO BRASILEIRA E AS CRIANÇAS NEGRAS	26
3.1. As influências da televisão brasileira sobre as crianças negras.....	28
3.2 O imaginário da criança negra e a televisão.....	31
4. OS PERCURSOS METODOLOGICOS DA PESQUISA	36
4.1 A escuta das crianças como sujeitos históricos e sociais: uma opção metodológica	36
4.2 Metodologia.	38
4.3 Análise das narrativas.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	50
REFERENCIAS	52
APÊNDICE 1	54
Oficina.....	54
APÊNDICE 2	62
Relatório da oficina o negro na mídia.....	62

INTRODUÇÃO

No desenvolvimento da disciplina de Educação e Africanidades oferecida como optativa do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Centro de Formação de Professores (CFP) no ano de 2013, uma disciplina de fundamental importância para melhor formação do pedagogo e do indivíduo, que procura obter um melhor entendimento sobre a história dos nossos descendentes. No desenvolvimento desta disciplina pensando em uma forma de aprendizado e avaliação diferenciada, como o intuito proporcionar uma integração da universidade e das escolas municipais de Amargosa/Bahia, para discutir a implementação da lei 10639/03. Foi proposto pela docente Rosangela Souza, um seminário que intitulou-se como: *OS 10 Anos da Lei 10.639/03: Limites e Desafios e Perspectivas de Implantação no Vale do Jequiriça*, que aconteceu na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia no CFP, no dia 09 de outubro de 2013, onde as escolas do município de Amargosa, fariam um diálogo entre professores e alunos da escola e professores e alunos da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia no CFP.

Dentro do seminário *OS 10 Anos da Lei 10.639/03: Limites e Desafios e Perspectivas de Implantação no Vale do Jequiriça*, foram discutidos os desafios da implementação da lei 10639/03¹ e o Ensino da História e Cultura Afro-brasileira e Africana, nas mesas propostas para diálogo com os professores da rede municipal com os professores da Universidade e convidados.

Para os alunos da escola foi proposto dentro do Seminário *OS 10 Anos da Lei 10.639/03: Limites e Desafios e Perspectivas de Implantação no Vale do Jequiriça* na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia no Centro de Formação de Professores, algumas oficinas em paralelo as mesas de diálogo entre os professores, entre as várias oficinas aconteceu a oficina “*O negro na mídia*”.

A oficina “*O negro na mídia*” teve por objetivo mostrar como a mídia demonstra a população negra, e apresentar a forma como alguns personagens negros são exibidos pela mídia em geral.

¹A Lei 10.639/03, que institui a obrigatoriedade sobre o ensino da história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas, ressaltamos a importância desse estudo da cultura negra na formação da sociedade brasileira.

Dentro da oficina foi trabalhado a dinâmica da caixa de presente, para a observação de como essas crianças se percebiam, em quanto sua aparência e quais as referências de mídia tinham sido apresentadas a elas até então.

Ao longo do desenvolvimento da oficina fomos apresentando alguns artistas, cantores, autores, modelos², negros e fazendo uma discussão sobre como alguns personagens aparecem na televisão brasileira.

No seminário OS 10 Anos da Lei 10.639/03, onde Eu Carolina Melo fiquei responsável em ministrar a oficina “*O Negro na mídia*“, a pesar do pouco conhecimento na época sobre o assunto tentei apresentar de maneira sucinta de como a mídia exibiu e exibiu a população negra até os dias atuais, e a partir dessa apresentação, as respostas dadas pelas crianças surpreenderam e ao mesmo tempo me inquietaram, pois o que tinha sido exibido a elas até ali para tais respostas, e a própria negação do ser negro.

A partir dos dados obtidos na oficina, onde a maioria das crianças que estavam participando da oficina não se identificavam como negro, ou faziam associações negativas a sua cor da pele e as suas características (cabelo, nariz, boca), a partir das respostas dadas por estas crianças veio o interesse em desenvolver o Trabalho Conclusão de Curso (TCC).

Durante toda realização da oficina, foi possível observar que quando fora perguntada as crianças sobre a identidade racial dos atores elas em maioria responderam “morenos claros e escuros”.

Nesse sentido refletindo sobre as respostas dadas pelas crianças e entendendo a necessidade de referências positivas da população negra, para construção da identidade da criança, e tendo como objetivo desta pesquisa, analisar as respostas das crianças negras que participaram da oficina *o negro na mídia*.

A partir do recorte de identidade racial surgiram vários questionamentos que me levaram a pretender desenvolver meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) com o seguinte problema: Quais os entendimentos de identidade racial, que as crianças negras que participaram da oficina O NEGRO NA MÍDIA apresenta?

A partir das leituras feitas, e documentários assistidos do autor Joel Zito Araújo que discute a importância das pesquisas apontam a relevância dos estudos das temáticas que

abordam as representações da população negra na mídia brasileira, principalmente aquelas que tratam dos estereótipos expostos por esta mídia e sua influência na identidade da criança negra.

Estudar essa temática também que é de fundamental importância para minha formação como mulher negra, como profissional, e futura docente que trabalhará com crianças e estará em contato o tempo inteiro com situações de racismo preconceito, e quanto mais discutimos e nos preparamos para lidar com essas situações melhor profissional seremos.

Destaco também que, durante a realização da Oficina “O negro na mídia” me interessou outras questões de pesquisa, entre elas: quais as influências das representações da população negra na mídia brasileira, na identidade da criança negra?

Entretanto, por limitação de tempo na elaboração desse TCC, pretendo aprofundar a questão da identidade da criança negra em estudos de pós-graduação: mestrado e doutorado.

Em meio aos muitos preconceitos que a população negra enfrentou e que continuam a vivenciar até os dias atuais, diversas barreiras foram enfrentadas para ter aceitação no meio artístico brasileiro ainda de uma forma submissa ou de forma distorcida da realidade vivida pelos negros que, não mais só ocupam as cozinhas e os empregos menores, ou estereotipados como ainda são representados em alguns espaços na mídia. Segundo Araújo (2000).

A telenovela brasileira, considerada como produto da indústria cultural mais divulgada no exterior, sendo exibida em um grande número de países da Europa, Ásia e América, é também uma forma de representação que retrata nossas características socioculturais. Nesta perspectiva o autor considera gravíssima a forma negativa pelo qual o negro esteve representando a maior parte do período na história das telenovelas brasileiras. (ARAÚJO, 2000)

É preciso que a população negra se questione cada vez mais a forma que o negro aparece na mídia, principalmente na TV e na publicidade, sempre é retratado em imagens recorrentes do socialmente carente, do trabalhador braçal, malandro ou atleta.

Ou passa por um processo de “embranquecimento”² com cabelos alisados, loiros, olhos claros, diferente do que é na realidade, estes são alguns exemplos e outros vem sendo apresentados no livro *A negação do Brasil* na Telenovela Brasileira de Joel Zito Araújo (2004), que será discutido no capítulo a seguir.

Nesse sentido é importante pensarmos no impacto dessa demonstração para criança negra, que ainda está num processo de construção crítica e de identidade. É necessária uma abordagem de forma significativa de como a população negra está sendo representada, e com que intuito os negros são invisibilizados ou mostrados negativamente nas mídias apresentadas para essas crianças.

O preconceito em sua maioria camuflado em papéis menores ou subservientes, ou demonstrados com o processo de “branqueamento”, para perderem seus traços e identidades e parecer com os padrões impostos pela mídia atual, impregnados de preconceitos que estão presentes na nossa sociedade e silenciada pelas mídias.

Assim consideramos indispensável trabalhar este problema de pesquisa: Quais os entendimentos de identidade racial, que as crianças negras que participaram da oficina *O NEGRO NA MÍDIA* apresenta?

Assim consideramos indispensável trabalhar este problema de pesquisa, para desmistificar preconceitos e estereótipos construídos ao longo do tempo pela mídia brasileira. A pesquisa nessa perspectiva poderá contribuir para a sociedade brasileira e principalmente para a população negra na construção de identidade positiva.

O livro *mídia e racismo* organizado por Rosália Diogo (2004), apresenta uma reflexão sobre a representação social do negro no Brasil, e como vem sendo escrita a história da população negra na trajetória midiática no nosso país.

Segundo a autora Rosália Diogo (2004), ao longo do tempo pouco se realizou na mídia a construção de uma identidade racial positiva dos afro-brasileiros, uma vez que, a persistência do racismo em nossa sociedade decorre, em grande parte, da permanência da ideologia da supremacia racial branca como um elemento inerente à cultura brasileira.

² Embraquecimento ou Branqueamento: Processo sofrido pelos negros para adquirirem características físicas de pessoas brancas, descritas pelo autor Joel Zito Araújo no livro *A negação do Brasil*.

Elencamos como objetivo geral da pesquisa, analisar as respostas das crianças negras participaram da oficina *O NEGRO NA MÍDIA*, a partir do recorte de identidade racial.

Para obtermos as respostas para o problema e objetivo da pesquisa utilizaremos o relatório final da oficina, onde será levado em conta os estudos da temática sociologia da criança³.

Na metodologia consideramos um método de abordagem qualitativo, descritivo com base na análise dos discursos. Observamos teorias que consideram as crianças como protagonistas sociais, sujeitos que dão vozes para atingir os objetivos das pesquisas. Nesse sentido observamos a ética da pesquisa que reconhece que as crianças têm condições de expressar-se, não delegando ao adulto responsável suas formas de se expressar e sentir.

Hoje temos vários pesquisadores e pesquisadoras que tratam do assunto metodologia de pesquisa com crianças como, por exemplo, o movimento da Sociologia da Infância.

A Sociologia da Infância, ao discutir a metodologia de pesquisa com crianças pequenas no cenário brasileiro, apontam as crianças como sujeitos sociais que interagem ao mesmo tempo com pessoas e instituições, desenvolvendo assim estratégias de participação no mundo. Sendo assim, pensar nas crianças como sujeitos de suas vidas, é “pensá-las como atores é também considerá-las como informantes competentes em processos de investigação científica” (DEMARTINI, 2000).

Esta monografia será dividida em: introdução, capítulos teóricos sendo eles: o primeiro capítulo, trataremos das questões teóricas que consideram as relações raciais na mídia brasileira e representações da população negra na mídia televisiva brasileira. No segundo capítulo trataremos dos assuntos da televisão brasileira e as crianças negras, destacando o imaginário dessas crianças e a televisão brasileira, e as influências da televisão sobre as crianças negras. No terceiro capítulo trataremos do percurso metodológico de nossa pesquisa para conhecer as informações das crianças negras, a partir da teoria da sociologia da criança, sobre as representações do negro na mídia brasileira, na sequencia

³ A sociologia da criança ainda é um tipo de pesquisa recente, mas bastante importante no que tange o trabalho e estudo com crianças, é importante pensar nessas crianças como protagonistas sociais que dão voz a cultura que ela própria produz através de gestos emoções e falas é importante levar em consideração sempre os seus saberes e conhecimentos e não continuar a reafirmar a sua incapacidade perante a construção de conhecimentos

apresentaremos e discutiremos os dados da pesquisa, e finalmente faremos as considerações finais.

2. RELAÇÕES RACIAIS NA MÍDIA BRASILEIRA

Neste capítulo trataremos de reflexões sobre como a mídia televisiva e publicitária brasileira representa a população negra. E principalmente em quais papéis esta população vem sendo mostrada ou invisibilizada ao longo dos anos.

Segundo o dicionário Informal DI, mídia é: Significa os meios de comunicação de massa (imprensa, televisão, rádio, internet, telefone, teatro, cinema, dança etc.). Curiosamente, trata-se da adoção, no Brasil, da pronúncia inglesa para a palavra latina "media" (sem acento, plural de "medius", que quer dizer "meio"), retirada da expressão "mas media" que, à sua vez, os ingleses extraíram da locução latina "media communicationis" (meios de comunicação). Em suma, os ingleses escrevem "media" e pronunciam "mídia".

Sabendo que ao tratarmos de mídia existe uma grande extensão, e dentro dela abrange vários meios de comunicação, que podem e devem possuir uma reflexão profunda, porém, precisamos aos poucos compreender e analisar cada espaço midiático.

Segundo Demo (2009), definir possibilita uma maior objetividade e aprofundamento da pesquisa. Por esse motivo o pensar em um tipo de mídia específico, assim vamos tratar aqui de mídia em especial de mídia televisiva e publicitária.

Visto que a população negra são 51,2% da população brasileira, segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2009)⁴, e esta parte da população é minoria nos programas midiáticos nacionais ou quando representada é de forma pejorativa ou com papéis secundários, a problemática de refletir sobre estes papéis se faz presente. Este problema vem sendo negado ao longo dos anos pela falsa ideia de “democracia racial”.

O mito da democracia racial, conceito nascido após os estudos de Gilberto Freyre, nos anos de 1930, trouxe a sociedade brasileira um Brasil sem conflitos de raça, a ideia

⁴Dados da Pesquisa Nacional por Amostragem de Domicílios – Pnad, divulgada em setembro de 2009 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) revelam que a população brasileira é composta por 45,1% de pardos, 6,1% de pretos, 0,9% de asiáticos e indígenas e 47,6% de brancos. Juntos, pretos e pardos representam 51,2 % da população brasileira (IBGE, 2009).

harmoniosa de negros, indígenas e brancos viverem em paz e sem preconceito de cor, fez com que o Brasil fechasse os olhos para o racismo onipresente na sociedade brasileira.

Joel Zito Araújo (2000) aponta que, após anos de estudos sobre a mídia brasileira, há uma verdadeira negação do negro na mídia nacional, que ainda reproduz os padrões europeus nas telenovelas e na mídia em geral. Nas novelas os negros sofrem o que o autor chama de processo de branqueamento, para estar próximo desses padrões.

Os interditos do tabu racial, que rejeitam a negritude e promovem a branquitude, com seus modelos de estética e bom gosto calçados nas construções do mundo branco, trouxeram também problemas discriminatórios no meio e na imagem da televisão [...] Além da telenovela, podemos ver os reflexos dessa realidade nos comerciais 'de tv'. Aí percebemos as consequências do desinteresse histórico da elite brasileira em formar um mercado consumidor amplo, em seu próprio país, e da preferência pela imigração da mão-de-obra europeia no período final da escravidão, em detrimento do trabalhador negro. Empresários, publicitários e produtores de TV, como norma, optam pelo grupo racial branco, nos processos de escolha de modelos publicitários, na estética da propaganda e até mesmo nos critérios de patrocínio ou apoio a projetos culturais. É uma constante a negativa de incentivo cultural aos programas de tevê voltados para a população afro-brasileira, normalmente sob a alegação de não haver retorno comercial. O empresário brasileiro, em sua grande maioria, não acredita que o negro seja uma força econômica. Na lógica dessa maioria, preto é igual a pobre, que é igual a consumo de subsistência (ARAÚJO, 2000, p. 38,39).

Araújo (2000) reflete sobre dois tipos de problemas graves que são recorrentes na mídia televisiva brasileira, seja em seus comerciais, como programas, novelas, e etc.

O primeiro é a estética negra ideal, que é a mais parecida à cor branca possível. O embranquecimento de atores e atrizes negros e negras, existe uma tonalidade de pele ideal, um cabelo ideal, assim como, nariz e boca. E o segundo é a cor realmente procurada para estar nos holofotes, os brancos são os que realmente aparecem na mídia, como protagonistas em novelas, nas propagandas.

Trazendo uma análise, Joel Zito propõe alguns questionamentos acerca de quem ocupa as mídias que eram para estarem os brasileiros? Mesmo sendo maioria da população os negros possuem papéis coadjuvantes na televisão, quase inexistentes. A televisão brasileira possui uma cara, que não representa sua população. Nos (os) padrões brancos que aparecem nas propagandas e telenovelas como Joel Zito Araújo chama a atenção. Reforçando ideais de preconceito e (a) discriminação que estão postos até hoje na

sociedade, sendo uma herança de um ideal de democracia racial de uma sociedade opressora. Que vem impondo a cultura eurocêntrica, os padrões brancos, de forma naturalizada que se faz-silenciosa a questão de discriminação racial e invisibilidade do negro.

As primeiras novelas descritas por Joel Zito Araújo (2000), o negro em sua maioria aparecia em papéis de escravos, empregadas, copeiras e trabalhadores braçais, quando aparecem em papéis de destaque vem de forma camuflada seja por um caso amoroso com um personagem branco, chamado por Joel Zito de “casal de amantes inter-raciais”, que o torna parte da sociedade em ascensão, ou para diminuir as suas características raciais, ou passa pelo processo de branqueamento para aparecer com os cabelos lisos, claros, pele clara, nariz afilado, fazendo uma desvalorização da estética negra e uma supervalorização da elite branca.

Essa ideia ainda perdura até os dias atuais, há impregnado em algumas pessoas um ideal branco como padrão universal de beleza. Estes papéis não trazem nenhuma carga positiva para a população negra, já que a mídia e a publicidade exercem grande influência sobre os telespectadores que em sua maioria só tem acesso a esse tipo de mídia popular, e assimilam os padrões impostos por ela. O livro, *Mídia e Racismo* de Silvia Ramos (2007), que remete, a importância de se demonstrar fatos reais sobre o racismo para que assim ele possa ser trabalhado em todos os âmbitos, principalmente na educação. A abordagem sobre o racismo presentada na sociedade brasileira pela mídia possibilita uma reflexão sobre as condutas sociais, já que esta mídia consegue “manipular” e fazer com que mentes diversas siga um mesmo tipo de pensamento, ao assistir um programa, uma novela e etc.

Muniz Sodré (1999) também traz contribuições sobre a temática:

É no espaço midiático que aparecem grande parte das relações étnico-raciais brasileiras, mas se este espaço é um dos principais reprodutores da lógica racista, poderia servir para promover a igualdade racial num país plural como o Brasil. (...)“a mídia funciona, no nível macro, como um gênero discursivo capaz de catalisar expressões políticas e institucionais sobre as relações inter-raciais, (...) que, de uma maneira ou de outra, legitima a desigualdade social pela cor da pele.” (SODRÉ, 1999, p.243)

Cientes da relevância que a mídia e outros meios de comunicação têm no processo de construção e reconstrução de referências e das identidades para a população negra e principalmente das crianças, é necessário atentar-se as representações estereotipadas, que aparecem na mídia brasileira, sobretudo aquela que se apresenta na televisão aberta, pois é essa mídia que chaga a população em massa.

O livro, *A negação do Brasil: O negro na telenovela brasileira* (2004), de Joel Zito Araújo, demonstra uma análise bastante rica, neste sentido abordando como o negro aparece de forma estereotipada⁵ nas telenovelas brasileiras, vale ressaltar que apenas 10% das vagas disponíveis nos elencos das novelas da época eram destinadas aos atores da população negra, o que não atende nem de longe às expectativas do mercado e dos profissionais que estão na luta por reconhecimento, trabalho e dignidade.

Considerando que a TV é apenas o espelho do preconceito e do que o Joel Zito chama de "a negação do Brasil", podemos entender que o Brasil é um país que nega sua própria realidade. A ausência do negro na TV ou sua imagem subalterna⁶, quando aparece, são consequências de um preconceito racial gerado pela exclusão social da população negra do país, as marginalizadas e que apresentam os indicadores sociais mais desfavoráveis. Apesar do Brasil ser um país que demonstra para quem “está do lado de fora” o orgulho de ser miscigenado, com predominância negra, e sendo a televisão um meio de comunicação que chega a maioria das pessoas e é assistida diariamente, a realidade desta ainda está longe de ser a cara do Brasil, o que deveria ser diferente.

A população negra é mais da metade da população brasileira, portanto, nada mais coerente do que o negro não faça parte apenas de papéis de personagens coadjuvantes⁷ em filmes ou nas telenovelas brasileiras. Vale destacar, ainda o relato de Joel Zito Araújo (2000), em pesquisa realizada acerca das telenovelas brasileiras.

Em poucos trabalhos identificamos atores negros nos papéis principais, de protagonistas ou antagonistas. As rédeas da ação são tomadas geralmente por personagens interpretados por atores brancos, que atuam como o Leão, o condutor, ou compõem o grupo de personagens principais [...] O afro-descendente só terá a sua oportunidade assegurada se existirem rubricas que evidenciem a necessidade de um ator negro [...] O racismo brasileiro é representado

⁵Que não pode ser verdadeiro; que não é original; desprovido de autenticidade: conceitos estereotipados.

⁶Aquele que está sob as ordens de uma outra pessoa; quem se sente inferior a outro (a): precisava encontrar o subalterno.

⁷Quer dizer aquele ator (a) que participa da cena e está ligado (a) direta ou indiretamente com o papel do protagonista. Ator que interpreta papeis secundários

da mesma forma em que ele aparece na sociedade, como um tabu sempre escamoteado no discurso oficial e privado dos brasileiros. Com exceção das adaptações literárias que tinham a escravidão como fundo social, não é perceptível em nenhum dos autores de telenovelas a existência de um conhecimento de pesquisa que descentralize a visão “Zona Sul” e atualize suas percepções sociais, colocando-as em sintonia com a literatura sociológica, antropológica e a crítica literária que buscaram a perspectiva da população negra (ARAÚJO, 2000 p. 308-309)

As práticas discriminatórias que vão de encontro ao conceito de igualdade racial, são camufladas por piadas e brincadeiras. A forma de vestir ou moradia em favelas ou casas bem humildes, que aparecem como retrato de quem escreve as telenovelas e programas exibidos pela mídia televisiva quer passar para a população, que os negros só podem ser ou ter aquela condição financeira ou de vida.

Joel Zito Araújo (2000) aborda, ainda, que “as imagens dominantes no conjunto das telenovelas que foram no ar no período de 1963 a 1997, revelam a cumplicidade da televisão com a persistência do ideal do branqueamento⁸ e com o desejo de euro-norteamericanização dos brasileiros” (ARAÚJO, 2000 p. 305), ou ainda que:

Mesmo considerando somente as duas últimas décadas, os anos 80 e 90, um período de ascensão do negro na dramaturgia da teleficção, de 98 novelas produzidas pela Rede Globo (excluindo aquelas que tiveram como temática a escravidão) não foi encontrado nenhum personagem afro-descendente em 28 delas. Apenas em 29 telenovelas o número de atores negros contratados conseguiu ultrapassar a marca de dez por cento do total do elenco. E em nenhuma delas o total de negros e mulatos chegou a ser metade, ou mesmo quarenta por cento de todo o elenco. (ARAÚJO, 2000 p. 305).

Na década de 90, quando o país vivia um contexto de crescimento econômico, as narrativas continham representações dos conflitos e dos dramas dos brasileiros pela ascensão social. Nessa conjuntura, há casos pontuais de representação de negros como sujeitos em busca de mobilidade social, porém ainda há uma busca pelo ideal do branco. Assim mesmo nos dias atuais os papéis que ocupam os negros e a forma como eles aparecem ainda está longe de ser uma forma positiva condizente com a realidade.

⁸“Modelo branco de beleza, que considerado como padrão, pautava o comportamento e a atitude de muitos negros assimilados” (DOMINGUES, 2002, p. 573).

Ao longo da sua história pouco as telenovelas e a mídia em geral auxiliaram na construção da identidade racial positiva da população negra. As relações amorosas exibidas nas novelas nos anos 40 e 70 demonstra a impossibilidade destas relações terem se dado de forma pacífica, de como os negros (as) reagem à discriminação racial sofrida.

Ao analisarmos as situações postas pelas novelas o “negro passa por um processo de branqueamento por casar-se com um branco de classe média, mas o branco não “empretece” de forma alguma” [...]. Algo que devemos destacar, é que essa relação inter-racial, possuía um objetivo, que era a idealização de uma sociedade branca. Segundo Abdias Nascimento, no livro, *O Genocídio do negro brasileiro* (1978), uma das formas de genocídio da população negra era o embranquecimento, as relações dos homens brancos com as mulheres negras, além de violentas (**estupros**), tinham o propósito de clarear a sociedade.

Como único papel disponível para a população negra, eram nessas situações de subordinação ao homem branco, é compreensível o medo de alguns atores da época de ficarem conhecidos somente por ocuparem as cozinhas e os papéis de escravo nas telenovelas, demonstrada na fala de Lizette Negreiros: ⁹

Zita é uma amostra do que eu posso fazer como atriz, mais ainda porque gosto de interpretar personagens que tendem para o humorismo. Só me dá medo de fazer uma empregada, porque corro o risco de ficar rotulada como tipo e isto eu não gosto de jeito nenhum. Vamos ver se aparece uma médica, uma advogada ou uma enfermeira para mim, em qualquer uma das próximas novelas da Tupi. (ARAUJO, 2000 p.184)

Mesmo com passar do tempo ainda persiste em alguns papéis ocupados por negros nas novelas a imagem que associa o negro a papéis subservientes, e em grande maioria são as representações da parcela branca da sociedade que Joel Zito Araújo (2000) chama de uma verdadeira prática de negação da diversidade racial do país.

Rosália Diogo (2007) também evidencia no livro *Mídia e racismo: ensaios sobre a forma que os autores tentam unificar a sociedade e invisibilizar a cultura afrodescendente*, a autora faz uma reflexão a partir de Carlos Serra e Kabenguelê Munanga, nos levando assim a meditar sobre que sociedade estamos construindo, e a forma como vem sendo entendida a identidade negra. Ajzenberg (2007) afirma:

⁹ Lizette Nogueiras, atriz da extinta TV tupi, entrevista dada pela atriz em abril de 1980.

Estou convencida de que as categorias raciais no Brasil são culturalmente definidas por aparência e que este é um país miscigenado, com predominância negra. Apesar dessa situação, as pesquisas apontam que o negro quando representado nos meios de comunicação, na maioria das vezes é de maneira negativa ou estereotipada. (AJZENBERG, 2007 p. 33).

O negro sendo maioria da população ainda aparecer em papéis menores onde sua identidade é deixada de lado nas representações, e desta forma perpetuando a ideia do negro como “inferior” na sociedade, não acrescentando positivamente na história da maioria que assiste, e se referências através desses papéis, não há uma preocupação com a imagem que será passada para os telespectadores, para uma construção identitária positiva. Segundo Rosália Diogo Citando Kabenguele Munaga (2012).

O racismo é uma ideologia. A ideologia só pode ser reproduzida se as próprias vítimas aceitam, a introjetam, naturalizam essa ideologia. Além das próprias vítimas, outros cidadãos também, que discriminam e acham que são superiores aos outros, que têm direito de ocupar os melhores lugares na sociedade. Se não reunir essas duas condições, o racismo não pode ser reproduzido como ideologia, mas toda educação que nós recebemos é para reproduzi-la. (MUNANGA, apud DIOGO, 2012)

Em momento nenhum nesses países a identidade negra é exaltada positivamente, ou se quer mostrada de forma verdadeira, mas sempre associada a coisas ruins ou feias criando um padrão de discriminação e papéis e cargos menores.

A seguir discutiremos alguns papéis que evidenciam a discriminação e que são tratados de forma natural pela mídia, através de alguns programas humorísticos, demonstrando uma forma de reprodução de preconceito impregnado na nossa sociedade.

2.1 Representações dos atores negros da mídia televisiva brasileira.

Apesar do Projeto de Lei do BRASIL nº 4370/98, ¹⁰em tramitação no Congresso Nacional, que determina a porcentagem mínima de negros que deve atuar na publicidade, ainda é pequena a participação de atores negros nas campanhas publicitárias, quando estão presentes e muitas vezes atrelados ou mostrados em conjunto com outros atores de etnias diferentes e que dão um falso ar de democracia racial. Sendo assim, alguns artistas em propagandas pontuais aparecem como representantes da população em geral, Sebastian¹¹, ícone das campanhas da rede de lojas de departamento C&A, Izabel Fillardis e a filha, que aparecem na propaganda da TIM¹²no dia das mães do ano 2008.

A diarista, programa que foi exibido o primeiro episódio em 2004 com o seguinte tema: "Dona da Banca" vivido pela atriz Claudia Rodrigues (Marinete) "Intrometida, esperta e autoconfiante, veio de uma cidade pequena do Nordeste para dar certo na capital e trabalha como faxineira a cada dia em uma residência diferente"[...], características citadas pelo site da emissora, que apesar do tom de pele clara, a todo tempo é tratada mal pela sua condição financeira e seus cabelos crespos e o lugar de onde veio.

Porém, é exibido como um programa de humor e trata todas essas questões em forma de comédia como se a luta diária de uma empregada doméstica que sai do Nordeste para enfrentar a vida no Sul fosse algo fácil.

Outro programa que retrata bem a discriminação racial como comédia é a zorra total, com quadro de Adelaide, que começou a ser exibido em dezembro 2012, onde uma mulher negra e sua filha pedem esmola no metro, com características exaltadas, desdentada e com

¹⁰Lei 4370/98: A Comissão de Defesa do Consumidor, Meio Ambiente e Minorias aprovou hoje o projeto de lei 4370/98, do deputado Paulo Paim (PT-RS), que institui cotas para representação da etnia negra nos filmes, anúncios publicitários, peças e programas veiculados pelas emissoras de televisão ou apresentados em cinemas. O texto obriga a presença mínima de 25% de afrodescendentes entre os atores e figurantes dos programas de televisão – extensiva aos elencos de peças de teatro – e de 40% nas peças publicitárias apresentadas nas tevês e nos cinemas.

¹¹Sebastião Aparecido da Fonseca Belo Horizonte, 16 de fevereiro de 1966, iniciou a carreira de bailarino aos 12 anos de idade. Participou de musicais e comerciais. Foi por mais de vinte anos garoto-propaganda da rede de lojas de vestuário C&A. Participou de seu primeiro comercial pela marca no ano de 1989. Em 2006 lançou o CD Melada de Nego.

¹²Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nAmVWhziG3o> Visto dia 01/06/2017 as 13:20

a estética de uma pedinte, a maneira que se comporta e vestir-se, como se o negro não fosse civilizado, um comportamento totalmente desconexo da realidade.

A personagem ainda demonstra uma carga de discriminação nas falas, em um dos episódios “ao encontrar uma palha de aço, diz que se tratava do cabelo da filha”, faz também uma comparação pejorativa a nega maluca, sendo esse quadro o único que aparece uma pessoa negra, ainda é tratada desta forma sem nenhum respeito aos outros.

Outra personagem bem conhecida que é visivelmente alvo de preconceito é a Tia Nastácia, do sítio do pica pau amarelo, de Monteiro Lobato que teve sua primeira versão exibida em 07/03/1977, sempre com uniforme de empregada é achincalhada pela boneca de pano Emília, que apresenta em uma das suas falas “Bem se vê é preta e beijuda; não tem filosofia esta diaba” ao se referir a falta de estudo de Tia Nastácia. Um programa que era/é exibido até hoje, as para crianças de todas as idades. Na época que o livro foi escrito, por volta de 1924, o racismo era defendido em diversos espaços sociais, onde alegavam uma suposta “inferioridade” da população negra.

Porém atualmente existem leis que proíbem a exibição de programas que tragam esse tipo de conotação racista em seus discursos, por tanto, esses episódios não deveriam ser reprisados, pois são perpetuadores de discriminação, ao invés disso deveria haver debates na forma com que a personagem era tratada pelas crianças no seriado, a pesar de ser um clássico, o Sítio do pica pau amarelo é totalmente preconceituoso. No livro mídia e racismo Hildézia Medeiros (2007) discute:

No momento em que se coloca em discussão o papel exercido pela mídia na consolidação e reprodução ampliada de práticas discriminatórias, principalmente no que tange à questão da justiça nas relações raciais dentro da sociedade que devem estar presentes neste campo de debate. O primeiro deles é o reconhecimento de que os avanços na tecnologia da informação facilitaram o desenvolvimento de um sistema mundial de comunicações que transcende a fronteiras nacionais e exerce impacto sobre as políticas governamentais e sobre as atitudes e procedimento adotado pelas sociedades quer individualmente, quer pelos distintos grupos sociais. Daí essa temática assumir uma importância capital no que diz respeito ao preconceito e discriminação racial. (MEDEIROS, 2007 p.28)

Na citação acima, a autora demonstra a exibição do personagem negro de forma negativa, com intuito tanto político como social, de invisibilizar a população negra na sociedade brasileira. Há uma intenção para que a referência construída pela população negra seja

inferior e negativa. Para que o negro tenha a ideia de que não pode ocupar os melhores papéis ou os melhores cargos, uma tentativa exaustiva de degradar o negro.

No capítulo seguinte, abordaremos como a televisão brasileira vem representando as crianças negras, e como esta representação desperta o imaginário dessas crianças.

3. A TELEVISÃO BRASILEIRA E AS CRIANÇAS NEGRAS

Este capítulo apresenta algumas questões sobre como a televisão brasileira está representando as crianças e principalmente as crianças negras, fazendo uma discussão com os autores e as autoras, Raquel Soifer (1991), Joel Zito Araújo (2007), Muniz Sodré (1999), Elza Dias Pacheco (2005) e questionando a forma como essa exibição pode atuar na construção da identidade e do imaginário destas crianças, e o quanto essas representações fazem a diferença para estas crianças.

A criança tem na televisão um meio de contato com o mundo externo, apesar de que, na maioria das vezes não há nenhum tipo de representação positiva do negro ~~ela~~ mostrada, ou quando representados estão totalmente distantes da sua realidade.

Para ela, muitas vezes, a televisão é a melhor opção de diversão, que segue como exemplo seus pais que em sua maioria assistem algum tipo de programa exibido pela TV. A autora Raquel Soifer (1991 no livro, *A criança e a TV: uma visão psicanalítica*, faz uma discussão em torno do prejuízo que a TV pode ocasionar na infância, apesar de levar entretenimento, informação e cultura, tem que se ter cuidado com o tipo de informação que vai ser passada para as crianças, como cita SOIFER (1991) no trecho a seguir.

Na verdade, apenas um pequeno número de famílias tem uma noção clara sobre o prejuízo que este habito ocasiona no início da infância, assim como são poucos os que percebem a influência nefasta exercida pelos programas de violência, ou as que relacionam isso as dificuldades apresentadas por seus filhos. (SOIFER 1991p.13)

Para os jovens negros ou até mesmo crianças em processo de formação de identidade, a abordagem que a TV faz do negro sempre vem com alguns estereótipos, porque assim como o negro, a criança negra tem poucos papeis de destaques e quando aparecem também sofre o processo de embaquecimento, conforme discutimos no capítulo anterior.

Constatamos que, ainda vivemos num país onde a herança do preconceito racial está presente na sociedade, apesar de haver uma negação ou omissão deste problema. As marcas dessa herança cultural repleta de preconceitos estão muitas vezes implícitas principalmente na mídia.

Segundo Joel Zito Araújo, a TV e a telenovela têm relevância na formação do imaginário de muitas pessoas até hoje, e a falta de referências positivas e condizentes com a realidade da população negra afeta em cheio essa formação, já que, quase não se tem crianças negras atuando nas novelas seriados que aparecem nas TVs abertas¹³. Como cita Joel Zito em uma entrevista ao participar do I Fórum Nacional de TV's Públicas, realizado em Brasília, consultor da Fundação Cultural Palmares:

"Onde está o negro na TV pública?". O estudo mostrou, por exemplo, que apenas 0,9% da programação de três emissoras públicas do país (TV Cultura, de São Paulo; Rede Brasil, do Rio de Janeiro; e TV Nacional/Radiobrás, de Brasília) foi destinada à cultura afro-brasileira. O levantamento indicou também que menos de 10% dos apresentadores são negros e que somente 5,5% dos jornalistas que atuam nas empresas são de origem afrodescendente. (ARAÚJO, 2007).

Esses números não representam nem de longe a população brasileira, e essa falta de representação trazem um efeito significativo na formação da identidade das crianças. Lembrando que essa representação não se mostra de forma favorável para a construção de uma identidade que possibilite as crianças negras o encontro com sua identidade.

¹³ TVs abertas, este tipo de TV que a maioria dos brasileiros tem acesso independente da condição financeira, e principalmente as crianças, alguns exemplos dessas TVs são Rede Globo, TVE, TV Cultura e SBT, que tem programas direcionados para crianças. Porém não é minha intenção discutir neste trabalho sobre esta temática.

3.1. As influências da televisão brasileira sobre as crianças negras

Com tanta carga negativa propagada pela televisão sobre o negro, era de se esperar que houvesse consequências, essas consequências obviamente serão sentidas pelas crianças, referenciando-as e interferindo na sua forma de interagir em sociedade. Percebermos como a televisão influencia as crianças negras, no modo de pensar, interagir e conceber-se perante a sociedade atual. A TV traz um volume de preconceitos, violência e estereótipos ligados aos personagens que são exibidos nos programas ditos infantis.

Uma influência é o conceito de beleza, a televisão influência de forma significativa para que o conceito de beleza, por mais que muitos falem ser subjetivo, seja aquele que mais se aproxima de características europeias exibidas pelos programas, que não é por acaso, essas são as características dos protagonistas de novela, dos chamados galãs.

"A criança negra é incorporada da mesma forma que qualquer personagem negro: entra como estereótipo de si mesmo, e nunca como representação de qualquer ser humano. Esse privilégio somente é dado aos brancos", (ARAÚJO, 2007).

Um exemplo, é uma fala da criança Joana¹⁴, que participou da oficina: *O negro na mídia*, quando lhe foi questionado em quais personagens de TV elas se reconheciam: ela diz: "Eles não iam querer uma menina feia assim como eu, com o cabelo duro desse jeito na novela ne professora", este trecho mostra o quanto os personagens exibidos na TV está distante da realidade desta menina, demonstrando inclusive a necessidade de que as crianças se reconheçam nas referências visuais que têm na mídia em geral, e que isso não ocorre, afinal ela relata que não tem ninguém com o cabelo e beleza semelhante ao dela, é importante salientar o modo como ela fala de si, o quanto ela se sente inferior aos personagens exibidos pela mídia.

Quando foi questionado a Joel Zito Araújo; Como as crianças e os jovens negros são retratados pela televisão brasileira? A seguinte resposta lhe foi dada:

¹⁴A criança ganha este nome para ser preservada a sua identidade, pois é de fundamental importância que a criança seja respeitada como sujeito, fazendo referência sociologia da criança onde este sujeito é tratado com respeito e levado sempre em consideração as suas emoções e anseios.

A televisão brasileira, privada ou pública, como regra, não dá nenhum destaque a criança negra. Temos exceções, mas a tragédia que abate os jovens negros, e, por consequência, a sociedade brasileira como um todo, demanda uma intencionalidade maior, uma política efetiva de promoção da auto estima daqueles que tendem a ser representados de forma estigmatizada em nossas telinhas. Mas, os personagens mais importantes negros foram retratados como a criança adotada ou o menor abandonado. Tanto nas telenovelas dos tempos da Tupi como nas produções da Rede Globo de Televisão. (ARAÚJO, 2007).

Ao menosprezar a diversidade étnico-racial do nosso país com relação ao universo infantil, a programação direcionada a eles fez com que as crianças se sentissem prejudicadas em relação a sua própria imagem e analisando que as imagens de crianças negras são usadas pela mídia, para ilustrar questões muito específicas, em novelas e mine series, e quando aparecem são retratadas preferencialmente ligadas a mazelas sociais, mas muito dificilmente para fazer parte de forma positiva que venha a exaltar a beleza e as qualidades de uma criança negra.

A mídia demonstra certos padrões que são passados à população e é tomada como modelos desde a infância, a forma como as crianças são apresentadas a mídia e como essa mídia traz alguns conteúdos como verdades absolutas na apresentação de programas infantis e literaturas podem se tornar bastante prejudiciais na formação deste indivíduo já que esta realidade a ele apresentada está bem distante dele.

Como exemplo clássico dessa representação imposta pela mídia, que os adolescentes de hoje e as crianças em sua maioria conhecem, foi criado por uma emissora, uma personagem que foi rotulada como de rainhas dos baixinhos para uma apresentadora branca e loira, que está bem longe de ser o do padrão da maioria das crianças brasileiras. A apresentadora simplesmente foi rotulada e a população abraçou este título como verdadeira.

Dessa forma, a divulgação do conteúdo midiático tem grande relevância para os telespectadores, pois muitos a tomam como verdadeira e internalizará o conteúdo emitido sem qualquer crítica ou indagação, principalmente as crianças que ainda estão em processo de formação de identidade. Soifer reflete

Em síntese, o impacto da TV sobre a mente realiza-se baseado na identificação projetiva e na regressão, com características similares às do sonho, mas com benefícios menores e com alguns prejuízos, tais como a imobilidade forçada, que não é a do próprio repouso, a

incorporação de imagens terríficas, a distorção visual e, em determinados casos, a poluição auditiva. Conseqüentemente, a utilização prolongada e abusiva deste entretenimento pode ser perniciosa para adultos. (SOIFER 1991 p.17)

Essa exibição está diretamente relacionada com a formação do psíquico¹⁵, muitas vezes o conteúdo dos programas está bem longe da realidade da maioria das crianças, por isso é de extrema importância discutir o conteúdo que a TV brasileira emite para seus telespectadores, sobre a imagem do negro e principalmente desta exibição para as crianças, visto que em sua maioria estes programas apresentam alta carga de violência, preconceitos e discriminação e com isso as crianças desenvolvem o que Muniz Sodré chama de *autodiscriminação*, é a discriminação com a própria cor. Como o autor cita Muniz Sodré no livro *Claro e escuro*.

Maior ainda, no entanto, pode ser o problema da autodiscriminação, devido à internalização pelo indivíduo escuro de imagens negativas sobre si mesmo. Por que maior? Porque se trata de processos inconscientes de autodesvalorização, difíceis, portanto de serem submetidos ao escrutínio político ou racional. O problema se mostra:

- 1) “O preconceito mais condenável, mas ainda impune, é o do negro contra a própria raça, pois nenhuma busca extinguir-se. (...)” (SODRÉ 1999 p.235)

A discriminação aparece geralmente de forma velada, mas algumas vezes bem explícita. Joel Zito Araújo comunga no que diz respeito a isso diz; “que nosso país é racista”, mesmo sendo maioria negra, e tendo suas origens afrodescendentes.

É importante perceber que essa ausência de representação positiva da população negra, incomoda pelo fato de que as pessoas ao não se enxergarem através desses meios de comunicação, acabam por não se identificar com o que veem, o que pode causar verdadeiras e inestimáveis frustrações.

É nessa direção que se torna importante garantir o acesso do negro à TV sem os estereótipos que já foram construídos nos papéis que esta população negra atuou, são indispensáveis papéis reais com personagens que expressem de forma positiva esta

¹⁵Vale ressaltar que é de extrema importância pensar nos estudos sobre a mídia e a formação do psíquico, porém por questões de tempo acadêmico, por você estar iniciando na trajetória de pesquisadora, não fará neste momento um estudo aprofundado sobre este tema, porém pretende dar continuidade a esta problemática de pesquisa nos estudos de pós-graduação)

população negra, a falta desses profissionais atuando na televisão colabora bastante para que os personagens negros venham carregados de estereótipos raciais, é neste sentido que é preciso mudar esta realidade proporcionando papéis a atores(a) negros que sirvam de referências positivas para as crianças jovens e a população em geral. Araújo sugeri, uma contribuição acerca desses papéis exercido pelas crianças.

O grande clichê é o menor adotado ou abandonado, mas também tivemos o moleque de recados engraçado ou o jovem rapper. De uma maneira geral, o que mais quero destacar é que as crianças negras não têm família. É uma visão preconceituosa porque tende a incorporá-las de forma solitária em um elenco de brancos e muitas vezes fazendo o papel do mais inculto ou ignorante. (ARAÚJO, 2007).

Pensar nessas questões, assim como seus antecedentes históricos, é de fundamental importância não só para os educadores, mas para a sociedade em geral já que essas questões afetam profundamente a construção da identidade das crianças e principalmente das crianças negras.

3.2 O imaginário da criança negra e a televisão.

Pensando em como a TV agi no imaginário da criança e o quanto ela é significativa na construção da identidade da criança, na formação do seu psiquismo, e na produção do lúdico, entende-se que a influência da mídia não é só nociva, mas também pode ser benéfica, dependendo da idade da criança e o programa ao qual ela assiste e se ela está acompanhada por informações, que venham a orientá-la do que é certo ou errado nos programas e propagandas¹⁶ exibidas, já que uma das funções dos comerciais é formar desde muito novos consumidores para nossa sociedade capitalista.

Este assunto é discutido pela autora Elza Dias Pacheco que faz algumas considerações a este respeito no livro *Televisão, criança, imaginário e educação*, (2009), a importância de programas pensados para o desenvolvimento das crianças não só no consumismo atual.

Mas o que não se pode é não se ter, como não se tem sobretudo na programação infantil da TV de nossos dias, nenhum contato com os valores culturais do próprio país. Não temos contato na música, no

¹⁶Segundo a autora Elza Dias Pacheco, as propagandas em sua maioria hoje são destinadas as crianças com o intuito de criar cada vez mais cedo consumidores para o mundo capitalista que conseqüentemente convenceram seus pais a comprar cada vez mais.

comportamento, na formação da cidadania, porque a televisão de hoje opera a formação de consumidores e não a de cidadãos que eventualmente seriam também consumidores. (PACHECO 2009 p.45)

A mídia atua de diversas formas na nossa vida cotidiana, a maioria das informações que as pessoas obtêm provavelmente foi através da televisão e há sempre uma intenção por trás das informações ofertadas pela TV principalmente para crianças já que elas estão em processo de formação.

É preciso ter um cuidado com o tempo que a criança passa na frente da TV já que este tempo ocioso impossibilita o crescimento tanto físico quanto psicológico, contudo esse tempo poderia ser melhor aproveitado nas brincadeiras com os amigos, para uma melhor socialização ou com outras atividades.

A permanência frente ao televisor exige uma condição que já mencionamos a: imobilidade. O tempo que a criança passa pequena passa nesta atitude a subtrai de outras atividades que lhe oferecem maiores possibilidades de crescimento físico e mental, como o brincar, a colaboração no lar, os esportes, o desenho e a modelagem, leitura etc. (SOIFER, 1991:25).

Segundo Soifer, um outro problema é o crescente número de crianças aos consultórios terapêuticos apresentando as seguintes dificuldades: disgrafia (dificuldades ortográficas), dislexia (problemas na leitura), discalculia (perturbação nas operações aritméticas), enurese (que é o hábito de molhar a cama), dispersão de atenção e conseqüentemente uma formação de zonas de confusão na mente da criança. Soifer, traz outros problemas que essas crianças podem ter com o excesso de uso da TV, no desenvolvimento mental e auditivo já que para um bom desenvolvimento é necessário que a criança se comunique verbalmente com quem cuida dele (a) e os demais membros da família, o que não acontece quando esta criança fica por longos períodos estáticos na frente da TV.

A constância na percepção da palavra dos outros vai instalando o símbolo e, com ele, a linguagem. Processo análogo leva-se a cabo com a música e com o restante sons cotidianos. Em contraposição a isso, uma série de ruídos desconexos (disparados, explosões, desabamentos, exclamações, etc.), abundante nos chamados programas infantis (e nós não infantis), ocasião uma perturbação seria da atenção acústica, que deste modo pode desenvolver a capacidade de distinguir adequadamente os sons e, por fim compreender as palavras. (SOIFER, 1991 p.25)

E com isso algumas crianças demoram a adquirir a linguagem e algumas vezes medicalizadas inadequadamente simplesmente pelo uso constante da TV que vem a atrapalhar o desenvolvimento de funções básicas do corpo. Vale ressaltar inclusive o cuidado que temos que ter com os personagens que são apresentadas a elas pois eles estarão compondo o repertório desta criança.

Crianças que desde bebês são apresentadas a esse meio tendem a desenvolver uma personalidade narcisista como cita a autora SOIFER (1991).

É importante nos aprofundarmos nesse estudo para saber como lidar com crianças nessas situações:-

Convém destacar, ainda, que as sequências de desenhos animados, das séries ou das propagandas cujos personagens as crianças tende a imitar desde a terna idade, não tem relação com a realidade cotidiana e mantém os pequenos em um mundo totalmente distante dela. Em lugar de oferecer modelos educativos, tais personagens destacam-se por sua astúcia cruel, sua imoralidade e sua maldade.

Os supostos heróis de programas apresentadas diariamente na televisão e que tem o estado mais em moda acentuam a tendência infantil a imitação, com o que incitam as crianças a cometer atos impunes e perigosos, como atirar-se no espaço, subir pelas paredes, fazer traquinagens e etc.. Esses heróis representam a extravagancia, a onipotência e a onisciência que são, como vimos os mecanismos de narcisismo que se que se opõem a necessidade de conhecer e aprender. (SOIFER, 1991 p.26)

Segundo a autora crianças que veem TV com muita frequência a partir da primeira infância tem em sua personalidade traços que ela chama narcisistas que dentre outras características “são egoístas, egocêntricos, o despotismo e tirania” são pequenos detalhes que acontecem com a criança que os pais nunca vão pensar que está relacionado com a televisão e que na verdade está.

É preciso ter muito cuidado com esse conteúdo, e pensar que através dele a criança vai construir o seu repertório, o imaginário, e essas influencias, positivas e negativas vão fazer a diferença neste processo.

Neste sentido é pertinente salientar que a mídia tem grande influência na construção do lúdico e do imaginário das crianças, e que esse impacto se torna ainda mais preocupante quando tratamos de criança negra, visto que a falta de atenção e a pouca preocupação com o que está sendo ofertado nas programações ditas infantis vão gerar graves consequências.

Massificação e solidão são características da globalização da indústria cultural. A mídia modela as posturas e cria necessidades levando ao consumo do supérfluo. Isso é feito não só por meio de estratégias de publicidade e marketing, como também por meio de estratégias subliminares, que desfilam diariamente em todos os gêneros televisivos. (PACHECO, 2009, p.30).

A massificação e a solidão citadas pela autora refletem como as crianças tem se comportado dos últimos anos até hoje. Cada vez mais isoladas, dentro de suas casas, as crianças trocaram as brincadeiras de rua pela televisão e pelos computadores. Sendo este tipo de comportamento limitador principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento com o lúdico, pois é no contato com o outro nas brincadeiras nas trocas de experiência que a criança constrói seu repertório.

[...] poderíamos dizer que, no nosso cotidiano, o tempo, o espaço e o real perdem a referência, são substituídos por simulacros da mídia eletrônica, que passam a povoar o imaginário social. A sociedade de consumo, ao mesmo tempo em que oferece todo o conforto dentro do lar, retira as pessoas dos contatos interpessoais e impõe à criança os espaços privados, retirando-lhes os espaços públicos onde ela partilhava e usufruía da riqueza da diversidade cultural. (PACHECO, 2009, p.31)

Para criança negra que não se encontra representada nestes programas o impacto é ainda maior já que essa falta de representação além de trazer consequências na construção do lúdico, como também na construção das suas identidades.

É preciso estar ciente que a falta de representação positiva nos programas ditos infantis, e na programação em geral que a criança tem acesso acarreta para estas crianças uma negação da sua própria raça, já que lhe foi negada a oportunidade de conhecer o seu passado, e as culturas que deram origem a cultura na qual ela está imersa, e de certa forma a sua história no presente.

Uma vez que a mídia ainda é uma grande influenciadora dos indivíduos em geral, principalmente as crianças que ainda estão em processo de construção da sua criticidade.

Resumindo, a família cujo entretenimento preferido é assistir televisão cumpre suas funções de forma muito deficiente. Como consequência disto, os filhos crescem com sérias falhas intelectuais, morais e de personalidade, uma vez que se encontraram restringidos em sua capacidade escolar, laborar, social e sentimental. (SOIFER, 1991 p.34)

Há uma total limitação no desenvolvimento destas crianças, é mencionado além disso, a frustração que a falta de representação favorável, e as fantasias e ilusões falsas, criadas pela TV, no imaginário das crianças trazem um prejuízo para o desenvolvimento psíquico e até emocional das crianças. A autora compara a TV a “uma droga ligada na tomada” como discute no trecho a seguir:

“A droga ligada na tomada” na infância. Também constitui um motivo de séria preocupação para as autoridades educativas o fato de que a grande maioria dos egressos da escola secundária quase não sabe ler e nem escrever. No mesmo sentido, os professores estão preocupados pelas dificuldades de aprendizagem cada vez maiores que seus alunos apresentam, abundância de erros ortografia, falta de memória, pobreza de fantasias nas redações, incoerência, etc. (SOIFER, 1991 p.35)

Soiffer demonstra o quanto ela considera nocivo o hábito de assistir TV para as crianças, em fase de construção crítica e de aprendizado, o quanto essa ação pode prejudicar o processo de aprendizado das crianças.

Como discutiremos brevemente no capítulo a seguir onde será feita uma breve análise nas respostas dadas pelas crianças na oficina, sendo levada em conta a realidade que estas crianças estão inseridas.

Observaremos como as repostas ressaltam de forma marcante que não se veem representadas nos programas a elas exibidos, e o quanto os padrões dos personagens vistos da TV fizeram diferença na análise da aparência dos autores e o como isso implica no reconhecimento da sua própria aparência.

É notório que essa análise vai além da cor da pele, e mostra também o quanto essas crianças se sentem excluídas ao não se verem representadas e o quanto a discriminação exposta pela mídia está sendo nociva para a construção crítica e de identidade dessas crianças.

4. OS PERCURSOS METODOLOGICOS DA PESQUISA.

4.1 A escuta das crianças como sujeitos históricos e sociais: uma opção metodológica

Iniciamos destacando que mesmo não sendo nossa intenção de pesquisa fazer um estudo aprofundado sobre a infância, optamos na metodologia de nossa pesquisa também considerar entre outros estudos a Sociologia da Infância, principalmente quando consideramos as crianças que participaram de nossa pesquisa sujeitos históricos e sociais. Falar das crianças como sujeitos históricos e sociais na pesquisa é considerar as crianças não somente pessoas que se adaptam e internalizam os processos de socialização, mas principalmente apropriam, reinventam, criam o cotidiano social e cultural que as cercam. Nesta perspectiva metodológica a compreensão que temos é a de que apesar de estas as crianças estarem inseridas no mundo dos adultos, são capazes de criar, de modificar o cotidiano cultural.

Ao percebermos sua presença no mundo dos adultos, como participantes que: negociam, compartilham e criam culturas, foi necessário pensarmos em uma metodologia e teorias que considerassem as falas, as experiências, o ponto de vista das crianças participantes de nossa pesquisa.

Neste sentido as crianças em nossa pesquisa foram consideradas como **sujeitos históricos que compreendem o mundo com visões específicas e diferenciadas dos adultos**.

Admitimos este desafio na pesquisa quando optamos por observar como as representações raciais da população negra na televisão brasileira se apresentam no imaginário das crianças negras. Assim as crianças adquiriram em nossa pesquisa um cuidado especial onde procuramos nas teorias e pesquisas da Sociologia da Criança as sustentações teóricas que nos possibilitassem perceber a criança como sujeitos sociais.

A criança que está ao lado dos adultos na construção de novas culturas, foi trazida neste capítulo para demonstrar a importância que elas tiveram no desenrolar da oficina que foi realizada para explorar como a criança se vê levando em conta a temática das representações raciais da população negra.

Sendo assim, pensar nas crianças como sujeitos de suas falas, é “pensá-las como atores é também considerá-las como informantes competentes em processos de investigação científica” (DEMARTINI, 2000).

Sobre este assunto a pesquisadora Zelia de Brito Fabri Demartini no livro *“Por uma cultura da infância, metodologias de pesquisa com crianças”* comenta:

[...] reiterar a importância cada vez maior, em nossos dias de aprender a ouvir as crianças e os jovens. Estou pensando no agravamento dos problemas que os têm atingido, da violência que sobre eles recai e também na que, crescentemente, por eles têm sido geradas e como nós, educadores e cientistas sociais, não estamos conseguindo entender ou principalmente, não estamos conseguindo dialogar com as crianças e jovens – até que ponto estamos escutando suas vozes, muitas vezes caladas? (DEMARTINI 2002 p.2)

A autora Zelia de Brito demonstra a importância de se ouvir e da voz a estas crianças e jovens, que vem sendo silenciada ao longo das pesquisas, pois segundo e Demartini há em nossa sociedade uma supremacia dos adultos, eles sempre ditam as regras e normas educativas, é relevante sempre levar em consideração a voz dessas crianças, pois se elas estão sendo protagonistas da ação merecem ser ouvidas e tratadas como a devida importância.

Segundo Manoel Jacinto Sacramento que começa seu texto dizendo que: “Ouvir a voz das crianças: esta expressão condensa todo um programa, simultaneamente teórico, epistemológico e político” (SACRAMENTO 2011, p 27).

É pertinente pensar na expressão “ouvir a voz”, muitas vezes nas ações e até no silêncio a criança se expressa e é indispensável que o pesquisador e profissionais da educação estejam atentos aos pequenos detalhes durante o desenvolvimento da pesquisa e/ou até nas salas de aula, pois cada criança está imersa em um tipo diferente de realidade social e cultural.

4.2 Metodologia.

O modelo teórico que se adotou nesta pesquisa é de natureza qualitativa tendo um caráter descritivo, e trabalha com valores, crenças, hábitos, atitudes, representações, opiniões, este método de pesquisa busca analisar a subjetividade dos indivíduos ou grupos.

Segundo Velho:

Discutindo a identificação da antropologia com os métodos qualitativos de pesquisa, reforça que o envolvimento inevitável com o objeto de estudo não constitui defeito ou imperfeição dos métodos utilizados. Sendo o pesquisador membro da sociedade, cabe-lhe o cuidado e a capacidade de relativizar o seu próprio lugar ou de transcendê-lo de forma a poder colocar-se no lugar do outro. Mesmo assim, a realidade, familiar ou inusitada, será sempre filtrada por um determinado ponto de vista do observador, o que não invalida seu rigor científico, mas remete à necessidade de percebê-lo enquanto objetividade relativa, mais ou menos ideológica e sempre interpretativa. (VELHO 1978)

Através da interação vivida pelas crianças ao longo da oficina que possibilitou a demonstração de forma livre dos seus posicionamentos, criando uma narrativa que é apresentada no relatório final da oficina, e utilizada é para análise.

O autor Severiano (2007) discute sobre a análise de discurso, método que será utilizada nesta pesquisa.

Envolve, portanto, a análise do conteúdo das mensagens, os enunciados dos discursos, a busca do significado das mensagens. As linguagens, a expressão verbal, os enunciados, são vistos como indicadores significativos, indispensáveis para a compreensão dos problemas ligados às práticas humanas e seus componentes psicossociais. As mensagens podem ser verbais (orais ou escritas), gestuais, figurativas, documentais. Sua perspectiva de abordagem se situa na interface da linguística e da Psicossocial. Mas enquanto a linguística estuda a língua, o sistema da linguagem, Análise do Conteúdo atua sobre a fala, sobre o sintagma. Ela descreve a análise e aí interpreta as mensagens/enunciados de todas as formas do discurso, procurando ver o que está por detrás das palavras.

Os discursos podem ser aqueles gerados nas diferentes formas de comunicação e interlocução bem como aqueles obtidos a partir das perguntas, via entrevistas e depoimento. (SEVERIANO 2007 p.121e 122)

Sendo este relatório final o instrumento de análise desta pesquisa. Camargo (1984) e Capriani (1988) comunga da mesma linha de pensamentos.

Camargo complementa que o uso da história de vida possibilita apreender a cultura “do lado de dentro”; constituindo-se em instrumento valioso, uma vez que se coloca justamente no ponto de intersecção das

relações entre o que é exterior ao indivíduo e aquilo que ele traz dentro de si. (CAMARGO 1984)

Quando considera o “livre fluir do discurso”, condição indispensável para que vivências pessoais desponham profundamente entranhadas no social, o processo de “escavação do microcosmo” deixa entrever o “macrocosmo”, o universal mostra-se invariavelmente presente no singular. (CIPRIANI 1988)

Pensando na complexidade de trabalhar com a infância e suas especificidades, durante a análise de dados, para preservação das identidades os nomes usados são fictícios, e as falas a seguir das crianças que participaram da oficina para uma melhor análise foi descrita na íntegra, preservando a maneira com que as crianças se expressaram durante a oficina.

As fontes de análise desta pesquisa, serão retiradas do relatório final da oficina: O negro na mídia, que se encontram no apêndice 2 (p.54)

4.2 Análise das narrativas.

Este estudo da análise do discurso visa compreender “como as representações raciais da população negra na televisão e na mídia em geral, se apresentam no imaginário das crianças negras”.

E de que forma essas representações impactam na construção da sua identidade racial, levando em consideração a respostas das crianças na oficina *o negro na mídia*.

A oficina começa com a dinâmica da caixa (que encontra-se relatada no apêndice 2 p.54), é pedido para que todos (crianças) digam o que veem dentro da caixa.

João: “vejo um menino moreno, alto, cabelo cortado, que gosta de estudar”.

Carlos: “moreno”.

Julia: “sou morena, me acho bonita”.

Maria: “cabelos cacheados, morena, brincalhona”.

Paulo: “moreno, bonito, baixinho”.

Marcia: “cabelos cacheados, morena bonita”.

É notório como a maioria das respostas se repetem ao longo da dinâmica, a maioria acima citada se intitula “moreno”, o autor Joel Zito Araújo faz algumas considerações acerca desta negação, que é chama de “negação da negritude” e “ideal de branqueamento” que foi discutido no primeiro capítulo. Nas respostas dadas acima pelas crianças é possível perceber o quanto elas não se reconhecem como negros, porque em momento algum nas falas elas usam o conceito de negro ou negra.

Diante desta constatação podemos considerar que as crianças não têm a sua identidade pautada na afro-descendência e sim na afirmação do ideal branqueamento, que neste caso quando a criança se auto declara moreno ou morena sugere que o moreno está mais próximo do branco, pois no Brasil quando há uma mestiçagem sempre há uma tendência ao clareamento a não ao escurecimento.

Desta forma, há um novo tipo de identidade como o autor chama de identidade negra brasileira.

Entretanto, se observarmos a pesquisa realizada pelo Datafolha, em 1995, publicada com o título polemico de “racismo cordial” que utilizou a categorias e uma metodologia diferentes dos censos oficiais, chegamos a uma conclusão bem diferente: 59% da população, ou seja 94,4 milhões de brasileiros se identificam como morenos, pretos e pardos. Apenas 39% dos brasileiros entrevistados se auto classificam como brancos. Portanto, considerando que as categorias raciais no Brasil são culturalmente definidas por aparência e não por ascendência, como nos Estados Unidos, e que os resultados dos censos do IBGE, como consequência também da persistência do ideal do branqueamento, tendem a inflar os grupos de pardos e brancos em detrimento do número de negros, os resultados da Datafolha acabam por confirmar os pressupostos da militância negra que o Brasil continua a ser um país miscigenado, com predominância negra. (ARAÚJO 2000, p.29 e30)

Também para explicar a auto declaração das crianças como morenas, utilizamos os estudos de Araújo, que ao explicar o conceito de miscigenação entende que este conceito que possui a tendência mais ao branqueamento do que ao escurecimento, que leva em conta o “mito da democracia racial”, ao se assumirem pardos ou morenos.

Para discutir o conceito de democracia racial o pesquisador Joel Zito Arújo buscou nos estudos de Gilberto Freire a explicação como foi este conceito fora construído.

O mito da democracia racial brasileira nasce com base no argumento da importância da miscigenação cultural para o país, extraído da obra de Gilberto Freire do seu raciocínio sobre o fato que o Brasil dificilmente poderia ser racista, em decorrência tanto do hábito recíproco de convivência com a diferença racial nascida na intimidade das relações, e do intercuro sexual, mantidos desde a época da escravidão entre os senhores da casa-grande e a criadagem da senzala, quanto da (aparente) cordialidade da vida social brasileira, constantemente observada pelos visitantes estrangeiros: (ARAÚJO 2000, p.28).

Esse conceito ainda está instituído na maioria dos lugares e em algumas pessoas acreditarem no mito da democracia racial, neste sentido entendemos que é necessário que pare de invisibilizar a não discussão sobre o racismo para que assim possa ser discutido. E comece então, a pensar em ações para combate-lo, pois enquanto a sociedade acreditar numa nessa suposta harmonia entre as raças, discussões como essas (trazidas nesse trabalho) serão inexistentes.

Por que em quanto se acreditar que ele não existe é muito difícil se debater algo que não é visto, mas sempre sentido pela maioria negra da população-

Sobre a invisibilização do racismo a autora Benedita da Silva (2007) discute no livro mídia e racismo:

A invisibilidade é uma das grandes crueldades do racismo. É lamentável que tenhamos que levantar bandeiras dessa natureza em uma sociedade que compreende e reconhece que os negros, indígenas e brancos formam a nossa civilização brasileira, mas que nos consideramos invisíveis e pena que somos poucos, contáveis, identificáveis aqui e acolá, perdidos neste país, no Parlamento brasileiro, em uma Assembleia Legislativa, numa Câmara de Vereadores ou numa Fundação Palmares. A identidade brasileira, que é essa que nós queremos verdadeiramente construir, precisa tornar-se totalmente isenta da necessidade, que ora aqui colocamos, de chamar a atenção para sua diversidade étnica e de lutar ainda pela igualdade de direitos entre seus componentes. Nós precisamos sentir na própria pele a necessidade de nos identificar como seres humanos que somos e por isso lutar por nossos direitos, sem ter mais a necessidade de dizer: “olha, sou negra, sou indígena, sou mulher e por isso preciso ter tais e tais direitos. (SILVA 2007 p. 22 e 23)

A falta do diálogo pode acarretar na perpetuação do racismo, principalmente em relação às crianças que ainda estão no processo de construção crítica de identidade. O que torna essa construção bastante difícil e problemática, ~~isso é~~ e muito mais complicada, e sentida, quando o tom de pele é mais claro. As crianças não conseguem fazer uma ligação com suas origens.

Veremos nas respostas a seguir dadas pelas crianças o quanto elas se distanciam da sua real identidade por ter a pele um pouco mais clara que os demais colegas de sala.

Ainda na dinâmica da oficina as crianças fizeram menções sobre os cabelos que ~~para nós~~ mereceu ser analisado, ~~foi~~ discutido em dois momentos, na dinâmica algumas crianças descreveram seus cabelos, logo após na oficina quando surge um questionamento sobre o cabelo da atriz Thais Araújo as crianças se posicionam contrárias aos cabelos naturais da atriz, dizendo que: “Ela fica mais bonita com os cabelos liso”.

Ana: “uma menina clara dos olhos escuros cabelos cacheados”.

Leticia: “clara, cabelos cacheados”.

Regina: “morena, clara, bonita”.

José: “moreninho, cabelo curtos”

Paula: “morena clara, cabelos lisos até as costas, bonita”.

O posicionamento das crianças que tem um tom mais claro da pele ainda é mais radical no que diz respeito a sua identidade racial. Segundo Joel Zito Araújo (2000).

É possível identificar as manifestações de uma identidade negra brasileira, com suas bases constantes de outras identidades e um referencial comum entre afrodescendentes. Essas bases estão no desejo de pertencimento a um grupo populacional coeso, em decorrência do sentido de exclusão e da necessidade de proteção e enfrentamento, diante do preconceito e da discriminação racial existentes em nossa sociedade brasileira. Entre as metas comuns destacam-se a necessidade de desenvolver como consenso a atitude de oposição ao racismo e o reforço da autoestima pela valorização dos traços e da herança cultural africana e dos negros da diáspora. (ARAÚJO, 2000, p.30 e 31)

Os modelos tanto de cabelos, cor de pele que a mídia impõe como o padrão de beleza influencia diretamente na posição de identidade racial que as crianças tomam como realidade própria, e buscam a qualquer custo viver o mais parecido com o que assistem, afinal a maioria dos negros que eles veem na mídia são os empregados, escravos, subalternos, ou sempre em situações de marginalidade social, sempre de alguma forma sofrendo por causa da sua cor de pele e condição social, as crianças não se sentem referenciados por esses papéis que são demonstrados cotidianamente na mídia, logo buscam nos papéis de heróis e mocinhos que em sua maioria são brancos altos atléticos, para se referenciar, e buscar estar o mais parecido possível com eles.

Logo desprezando a cor preta por sempre aparecer na mídia em papéis secundários e subalternos. Quem quer ser um escravo? Uma empregada doméstica? Um motorista? Sendo que as crianças notam a valorização da pele branca, por esse motivo preferem parecer o mais próximo possível ao branco, pois estes é que realmente possuem espaços variados na mídia.

Raimundo abre a caixa e diz: “vejo um menino moreno escuro boca grande”, (Sendo que nesse momento há uma repressão por parte de alguns colegas)¹⁷. Por conta da maneira que Raimundo se expressou.

¹⁷ Durante a realização da dinâmica e até durante a oficina algumas crianças ficavam inquietas, com as respostas dos colegas, outros riam e achavam um absurdo a maneira e certas expressões utilizadas pelas crianças, algumas até chegaram a dizer: “isso é jeito de falar?!”. Quais os entendimentos de identidade racial, que as crianças negras que participaram da oficina O NEGRO NA MÍDIA apresenta algumas formas

O que demonstro que para algumas crianças certos tipos de preconceitos esta naturalizado de tal forma, que soa como normal reprovar a fala do colega de maneira natural, como se sua forma de expressão estivesse sendo errada, é que aquela característica citada era uma ofensa.

A dificuldade de se enxergar como negro ou até de perceber o quanto o Brasil é um país miscigenado e com descendência negra e indígena, é notado em algumas respostas ao longo da oficina, o autor Joel Zito Araújo faz uma discursão acerca, das dificuldades de se definir como negro no Brasil, com o surgimento da mídia implica neste processo de reconhecimento e das descobertas da sua própria cor e raça.

O surgimento da televisão no Brasil, nos anos 50, veio reforçar esse papel das mídias já existência na organização de uma identidade nacional, transformando também elementos culturais dos não-hegemônicas, negros e índios, em características marcantes da identidade nacional brasileira e ampliando as dificuldades de se definir o que é negro no país. (ARAÚJO 2000, p. 34 e 35)

Essa reflexão é de extrema importância não só para formação das crianças, bem como para mudança no sentido de valorização de outras culturas que são a todo tempo deixadas de lado em detrimento de outra, pela mídia e pela população em geral que acaba por repetir os valores expostos por esta mídia racista, que deixa muitas vezes nítido até onde ela acha que o negro pode ir e que o impossibilita de ultrapassar a barreira que ela criou para o desenvolvimento e crescimento desta população.

A mídia cria estereótipos que vão muito além da cor da pele, mas também de características corporais, tipos físicos e cabelos que forçam sempre os telespectadores muitas vezes de forma imperceptíveis a aceitar e aderir tipo o físico exposto por ela.

As falas das crianças a seguir mostram o quanto essa imposição faz diferença na vida delas e no processo de formação, que são bombardeadas pela mídia com tipos físicos e padrões de beleza totalmente diferentes dos delas e das pessoas que as cercam, fazendo com que elas não se considerem tão bonitas quanto as pessoas vistas na mídia.

Ao longo do desenvolvimento da oficina maioria das crianças evidenciam o quanto elas são diferentes das atrizes e atores que elas conhecem, e veem na mídia diariamente.

Maria: “cabelos cacheados, morena brincalhona”.

de preconceito foram totalmente naturalizadas pelas crianças, que ficaram nítidas no posicionamento que elas tiveram durante as respostas dadas pelos colegas. Nesta pesquisa não iremos aprofundar nas respostas a Raimundo porque nosso propósito é entender Como as representações raciais da população negra na televisão e na mídia em geral, se apresentam no imaginário das crianças negras?

Carine: “cabelos cacheados, morena”

Rita: “morena estudiosa”.

Claudia: “morena clara cabelos grande”

Fernanda: “morena”.

A cada resposta dada é notório o quanto falta representações positivas nas mídias para esta formação, e o quanto não se discute os estereótipos expostos pela TV, e o quanto as crianças se sentem descaracterizada pelos modelos expostos muitas vezes por demonstrarem o racismo e a discriminação, algumas vezes de forma veladas e outras bem explícitas em personagens expostos as crianças.

Bernardo Ajzenberg faz um diálogo sobre o racismo subliminar e as manifestações da intolerância no livro mídia e racismo.

[...] a vítima é uma mocinha branca, bonita, de cabelos claros, e o assaltante é um rapaz negro, com um revólver e óculos escuros. É apenas uma ilustraçãozinha, um daqueles desenhos aparentemente inocentes, que você coloca ali só para ilustrar a pergunta; mas eu não preciso me estender aqui sobre o caráter racista que tem uma ilustração desse tipo, embora, explicitamente, o assunto não trate do racismo. (ALZENBERG, 2007 p. 31)

As crianças que tem acesso a esse tipo de desenho ou até outros no qual o conteúdo demonstra de forma velada o racismo não inspira os infantes a associarem sua imagem a este indivíduo, que está sempre relacionada com as coisas ruim, personagens malvados e de forma nenhuma querem ser representados por este tipo de personagem, o autor Joel Zito Araujo discute em seu livro como a mídia nas telenovelas e as publicidades brasileiras em geral priorizam uma cultura branca.

Além da telenovela, podemos ver os reflexos dessa realidade nos comerciais de tevê. Aí percebemos as consequências do desinteresse histórico da elite brasileira em formar um mercado consumidor amplo, em seu país, e da preferência pela imigração da mão-de-obra europeia no período final da escravidão, em detrimento do trabalhador negro. Empresários, publicitários e produtores de tevê, como uma norma, optam pelo grupo social branco, nos processos de escolhas dos modelos publicitários na estética da propaganda e até mesmo nos critérios de

patrocínio ou apoio a projetos culturais. É uma constante a negativa de incentivo cultural aos programas de tevê voltados para a população afro-brasileira, normalmente sob a alegação de não haver retorno comercial. O empresário brasileiro, em sua grande maioria, não acredita que o negro seja uma força econômica. Na lógica dessa maioria, preto é igual a pobre, que é igual a consumo de subsistência. (ARAUJO, 2004 p.39)

Esse tipo de escolha e representação afeta diretamente na construção da identidade das crianças, em como ela se vê perante a sociedade e a os seus pares, levando as mesmas sempre a tender para o ideal branco proposto pela mídia.

A autora Ana Lúcia Magela de Rezende discute as vantagens e malefícios, que a televisão tem sobre o posicionamento político dessas crianças.

A polemica sobre as vantagens e malefícios da televisão não é apenas acadêmica, é também política. As implicações pedagógicas da tele audiência tem sido preocupação constante. Na França Chalvon te, dedicado seus estudos sistematicamente à oposição entre a televisão e a leitura infantil. (REZENDE, 1993 p.71)

Esse posicionamento é influenciado diretamente pelas representações que esta criança tem acesso ao longo da sua infância.

Uma das crianças que teve mais destaque durante a participação na oficina e na dinâmica, pelo seu posicionamento e fala durante todo período de discussão foi “Joana” ela é um retrato de tudo que foi dito até aqui, ela não se vê como negra porem o tempo inteiro reclama das suas características físicas e acentua o quanto elas são “feias” e que não há ninguém nas mídias, TV ou publicidade que “pareça” com ela.

Joana: **“feia escurinha, cabelo duro, boca grande”** (seu cabelo era cortado bem curto como o dos meninos, todos disseram alguns sorrindo e outros nem tanto, “tá doida isso é coisa para você dizer”, outros disseram “liga não pró ela é assim mesmo”) ela continua a referir-se de si mesmo com adjetivos negativos e no final diz **ninguém tem coragem dizer, mas eu sei que sou feia.**

As palavras ditas por Joana, provoca uma reflexão sobre o tipo de identidade esta criança está construindo, através do que lhe é oferecido no seu dia-dia como referência, é de extrema urgência que seja repensado o modo de representação da população negra, para que esta criança e tantas outras se sintam como ela perante sua própria imagem refletida no espelho. Muniz Sodré (1999) faz uma discussão sobre identidade:

Identidade é de fato algo implícito em qualquer representação que fazemos de nós mesmos. Na prática é aquilo de que nos lembramos. A representação determina a definição que nos damos e o lugar que ocupamos dentro de certo sistema de relações. O *idem* latino faz referência à igualdade ou a estabilidade das representações, possibilitadas pela ordem simbólica e pela linguagem, mas também à unidade do sujeito consigo mesmo. A consciência, enquanto forma simbolicamente determinada, é lugar de identidade. (SODRÉ, 1999, p.35)

A construção do conceito de identidade vai muito além, dessa dita acima, mas é importante pensar sempre em como essas identidades estão sendo construídas ao longo da história de cada indivíduo e principalmente destas crianças.

Logo em seguida a caixa veio para minhas mãos abri a caixa e disse: Vejo uma mulher negra cabelos crespos lábios fartos, nariz um pouco achatado, orelhas pequenas, muito bonita, e logo notei uma inquietação¹⁸,

Joana: “Mas professora eu sou mais escura que a senhora e sou morena”¹⁹.

A negação da sua mostra o que Joel Zito Araújo (2004) chama de “ideal de branqueamento”, o quanto mais próximo podemos chegar deste ideal mais aceitável.

Os interditos do tabu racial, que rejeitam a negritude e promovem a branquitude, com seus modelos de estética e bom gosto calcados nas contribuições do mundo branco, como demonstramos a seguir, trouxe também problemas discriminatórios no meio e na imagem da televisão, semelhantes aqueles existentes em outros espaços das relações sociais, com no mercado de trabalho, em que os homens brancos ganham em média quatro vezes mais do que as mulheres negras, e 20,56% das crianças negras de 10 a 14 anos estão precocemente trabalhando, um índice cerca de 50% superior ao das crianças brancas. Outros indicadores sociais, tais como rendimento escolar e taxa de escolaridade, expectativa de vida, segregação escolar no espaço urbano, atestam as nossas conclusões de que desenvolvimento ou crise econômica quase não altera as desigualdades entre brancos e negros no Brasil. (ARAÚJO, 2004, p. 38 e39)

Essa desigualdade é representada na maioria dos personagens que as crianças conhecem, e elas relatam essa diferença de forma natural em maioria quando lhe são mostrados alguns personagens.

¹⁸ A minha fala está descrita para demonstrar o posicionamento das crianças diante da minha resposta, o quanto para elas foi diferente ver alguém se intitular pessoa negra.

¹⁹ Para ela se intitular negro tendo a pele um pouco mais clara que a dela não era aceitável, sendo que a maioria dos alunos teve algum tipo de reação quando falei porém ela foi uma das poucas a ter coragem de dizer que achava que eu não era negra.

Julia respondeu: “ele sofre porque gosta de uma menina rica e ela não gosta dele, porque ele é pobre”.

Carine disse: “ela não gosta porque ele é escurinho e ela é branquinha”.

Joana disse: “mas ele também só faz besteira, fica atrás dela não está vendo que ela não vai querer ele”.

As crianças associam os preconceitos e discriminação sofrida a vítima, ou até a sua classe social, mas não a sua cor da pele ou sua raça.

Marcia disse: “cabelos cacheados e brincalhona como eu, ela é linda”.

Fernanda: “ela é bem “danada” e gosta dos amigos”.

As crianças em geral não intitulam os personagens como negros elas não veem eles como negro além de não se reconhecerem nos personagens.

João disse: “Aquele ator que faz todo mundo odeia o Cri”, (sendo que a família inteira retratada no programa é negro ele só retrata Cris).

Leticia disse: “conheço Thais Araújo, elas sempre fazem novelas, e a grande maioria disse que eles são sempre pobres, ou trabalham de empregados”. Marcia “ou sofrem como Sirilo e Pata”.

Paula: “como motoristas também”.

Munis Sodré (1999) cita:

Houve, certo, reações por parte de setores da sociedade civil preocupados com essa extrapolação do preconceito velado para o âmbito do racismo aberto. O que de fato parece chocar a consciência pública é a quebra do pacto social implícito de invisibilidade dos mecanismos discriminatórios. Na realidade, a discriminação – muito frequente nas exigências de “boa aparência” pelo mercado de trabalho - em todas as suas formas é fenômeno constante e socialmente problemático. (SODRÉ 1999 p.235)

O autor Munis Sodré (1999) destaca como foi descrito no segundo capítulo a autodiscriminação, que é a que o que a fala de Joana suscita.

Joana: “Eles não iam querer uma menina feia assim como eu, com o cabelo duro desse jeito na novela né professora”.

É visível o quanto nesta fala Joana, deixa perceptível a sua insatisfação com a sua própria imagem e suas características físicas, como seu cabelo, e como esta ideia foi formada na consciência desta criança através das representações a ela apresentadas até então, Rosália Diogo (2004) discute “[...] a mídia, e em especial a televisão, cumpre um papel de reforçar o racismo presente nas relações raciais no Brasil. ” (DIOGO 2014 p.54)

Maria: “disse com os cabelos lisos ela está mais bonita”.

Paulo, concordou com a colega dizendo: “que os cabelos lisos são mais bonitos”. Rita, que apesar de não ter dito também tem os cabelos crespos, disse: “os cabelos cacheados”. Fazendo uma associação com o cabelo da menina dizendo que: ” os cabelos cacheados”, ela disse: mas o dela é bom pró o meu é duro, alguns não se manifestaram mais a grande maioria associou a imagem mais bonita a que a atriz Thais Araújo aparece com os cabelos lisos.

Como podemos notar ao longo da leitura dessas respostas que falta de referências positivas na mídia em geral para a população negra e principalmente para a criança negra ocasiona a negação da sua própria identidade negra, sendo esta identidade construída através do tempo posicionamento político e sem dúvidas referencias vistas.

Afinal a criança que vê o tempo inteiro seus semelhantes serem colocados em papel menores ou estarem sempre sofrendo por algum tipo de preconceito, sendo estes indivíduos crianças, formando a sua consciência crítica e construindo sua identidade, não podem de forma alguma querer parecer com os personagens a elas demonstrados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Com esta pesquisa podemos verificar que os programas e propagandas exibidas na mídia televisiva influenciam de forma negativa na construção das Identidades raciais das crianças negras. Apesar da pequena melhora com relação ao aparecimento positivo do negro na mídia em geral, ainda é grande o número de papéis que narram a história social e moral da população negra, enfatizando com aspectos negativos, como ladrão, corrupto etc., estas formas negativas de representações têm um peso significativo na rejeição da identidade criança negra.

As crianças em sua maioria não se consideram negras, mas “morenas”, e ao estudar da construção teórica e ideológica deste conceito percebemos que nele prevalece a ideologia do racismo e mito da democracia racial, onde se intitular ‘moreno’, ‘morena’, somos uma sociedade miscigenada com tendência ao clareamento e não ao escurecimento.

Nos estudos sobre a população negra na mídia percebemos a visão romântica demonstrada pela mídia brasileira, que ao invés de tentar fazer a sua parte e divulgar para a sociedade que ainda existe racismo, faz uma camuflagem nos papéis exercidos por negros.

Em sua maioria as crianças não pautam sua identidade na afro-descendência, pois as referências vistas por elas ao longo da infância não contribuem positivamente para esta construção.

O levantamento bibliográfico feito sobre o tema norteou a pesquisa e a análise dos dados, nos ajudou a compreender como a mídia vem demonstrando o negro todo este tempo, mesmo depois da abolição da escravatura o racismo ainda existe; e de que o negro não tem as mesmas condições de vida que o branco dentro da sociedade brasileira.

Juntamente com o levantamento bibliográfico a análise das narrativas das crianças negras que participaram da Oficina: “*O negro na mídia*”, possibilitou um maior entendimento de como as representações raciais da população negra na televisão e na mídia em geral, se apresentam de forma negativa no imaginário das crianças negras.

Ao analisar as narrativas das crianças negras através do o relatório da Oficina, notamos que a representação da população negra na mídia não é suficiente para que as crianças negras encontrem uma representação positiva, tendo assim poucas chances de possuir um autoconhecimento para a valorização da cultura negra.

Pensando sobre as análises e reflexões realizadas ao longo desta pesquisa, que iniciou-se com a participação e apresentação da oficina “O negro na mídia”, destaco que esta pesquisa teve um grande impacto na minha vida como futura docente, no sentido de estar sempre preocupada em como melhorar minha formação pessoal e profissional para não perpetuar valores discriminatórios e racista.

Com o conhecimento adquirido ao longo desta pesquisa, percebo que quando eu tiver outras oportunidades de desenvolver ações pedagógicas que tratam da temática da identidade da população negra, estou mais preparada para alertar as pessoas para perceber como o racismo está camuflado em nossa sociedade e conseqüentemente na mídia.

Consideramos também importante desenvolver ações com pais e professores para que percebam com olhar crítico programas televisivos que estão sendo exibidos as crianças, que em maioria não há nenhum tipo de orientação, e despercebidamente os pais acabam por reforçar os valores expostos pela TV.

Finalmente, destacamos que nossas análises revelaram que as crianças que participaram da Oficina negam identificações positivas no que se refere às questões voltadas para sua identidade racial, revelando o quanto são necessárias ações que possibilitem que as crianças negras construam referências positivas no trato de sua identidade racial, pois entendemos que a identidade é construída através do tempo, posicionamento político e sem dúvidas referências positivas da população negra ao longo da vida e principalmente na infância.

REFERENCIAS.

AJZENBERG, Bernardo. A Imprensa e o Racismo. In: RAMOS, Silvia. Mídia e racismo. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

ARAÚJO, J. Z. A negação do Brasil- o negro na telenovela brasileira. São Paulo: Editora Senac, 2000

ARAÚJO, J. Z. A criança negra na televisão brasileira. Rio de Janeiro 2007

ARAÚJO, J. Z. Entrevista com Joel Zito Araújo disponível em: <http://www.pucrs.br/faced/educomafro/index1.php?p=crianca> visto dia 01/06/2017 as 13;20

CAMARGO, A. (1984) Os Usos da História Oral e da História de Vida: trabalhando com elites políticas. Dados - Revista de Ciências Sociais. Rio de Janeiro, v.27, n.1.

CIPRIANI, R. (1988) Biografia e Cultura - da religião à política. In: VON SIMSON, O (org.). Experimentos com Histórias de Vida: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice.

DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. Infância, pesquisa e relatos orais. In: FARIA, Ana Lúcia G. de; DEMARTINI, Zeila de B. F.; PRADO, Patrícia D. (orgs). Por uma Cultura da Infância: Metodologias de Pesquisa com Crianças. São Paulo: Autores Associados, 2002. p. 1-17.

DEMO, Pedro. **Metodologia do conhecimento científico**. 1ªed. São Paulo: Atlas, 2009.

DIOGO, Rosália. Rasuras no espelho de Narciso: educadoras negras e acrítica as apresentações do negro na mídia/ Rosália Diogo- Belo Horizonte: Mazza Edições ,2008

DIOGO, Rosália. Mídia e Racismo: Ensaio/ Rosália Diogo- Belo Horizonte: Mazza Edições 2004.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Apresentação de Fernando Henrique Cardoso. - 51ª edição revisada- São Paulo: Global, 2006.

DOMINGUES, P. J. Negros de Almas brancas? A ideologia do branqueamento interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930. *Estudos Afro-Asiáticos*, ano 24, n. 3, 2002.

MEDEIROS, Hildézia. A imprensa e o racismo. In RAMOS, Silvia (org.), *Mídia e Racismo*. Rio de Janeiro, Pallas, 2007

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro**: Processo de um Racismo Mascarado. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1978.

NUNES, L B. As imagens invadem as salas de aula: Reflexões sobre a cultura visual/ Luciana Borre Nunes- Aparecida SP: Ideias ET letras, 2010

PACHECO, Elza Dias (org.). *Televisão, criança, imaginário e educação*. Papirus, 2009.

RAMOS, Silvia. Prefácio. In: (org.). *Mídia e Racismo*. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

REZENDE, Ana Lúcia Magela de. *A tevê e a criança que te vê*. 2ªed.São Paulo: Cortez,1993.

RODRIGUES, João Carlos. *O Negro Brasileiro e o Cinema*. Rio de Janeiro, Pallas, 2001.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 21. ed. São Paulo: Cortez, 2007

SILVA, Benedita da. Invisibilidade como instrumento de exclusão. In: RAMOS, Silvia. *Mídia e racismo*. Rio de Janeiro: Pallas, 2007.

SODRÉ, Muniz. *Claros e Escuros: Identidade, Povo e Mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999.

SOIFER, Raquel. *A criança e a TV – uma visão psicanalítica*. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1991.

VELHO, G.(1978) *Observando o Familiar*. In: NUNES, E.O. (org.) *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.

APÊNDICE 1

Oficina

O Negro na mídia.



Outubro- 2013
Amargosa

Objetivos.

Geral:

Demonstrar de que forma o negro é representado na mídia, e quais os impactos dessa demonstração na vida crianças.

Específicos:

- Identificar como essa representação influência na construção idenitária dessas crianças.
- Debater esse tipo de representação
- Observar como a criança associa a sua imagem às vistas na (tv, jornais, revistas...).

O que é mídia?

Mídia são os meios de comunicação: televisão, rádio, internet, jornal, revista e outdoor.





Introdução

O Brasil é um país com grande diversidade étnica e racial, essa grande pluralidade racial vem de origem, Branca (Europeus), Vermelha (índios) e Negra (Africanos). Sofrendo desde o final do século XIX com o final da escravidão, o negro é a raça que mais sofre preconceito no Brasil. Em meio a esse preconceito os negros enfrentaram diversas barreiras para ter aceitação no meio artístico brasileiro.

Como o Negro aparece na mídia.

É preciso que a população negra tenha consciência de si própria, e questione a forma que o negro aparece na mídia.





Jean Paulo (Sirilo de Carrossel SBT)



Julia Oliver (Pata de Chiquititas SBT)



Marie Clarie (Salve Jorge da Globo)



Thais Araújo e Sergio Malheiros (Preta e Rai da novela Da Cor do Pecado)



Cacau Protasio (Zezé de Avenida Brasil)



Alanis Sherped Modelo

“Garotas Negras: para se inspirar...”

- Ao colocar uma mulher negra e uma mulher loira de olhos azuis para fazer um teste para ser atriz apresentando as mesmas condições artísticas, qual vocês acham que vai ser escolhida?

- Não é colocando o negro como protagonista em uma novela que esse racismo vai ter fim.
- É preciso garantir que a representação do negro não seja baseada em estereótipos.

*Os negros aparecem com características
contrárias à sua cultura.*



Avaliação.

- Indagar ou questionar quais papéis que já viram negros? Como eles aparecem nas novelas, propaganda e seriados?
- Quem são os negros conhecidos que eles conhecem?
- De que forma esse negro aparece?
- Em quais papéis vocês se reconhecem?

CONCLUSÃO.

O negro na mídia, principalmente na publicidade, é retratado em imagem sempre das mesmas formas: socialmente carente, trabalhador braçal, malandro ou atleta. Ou “embranquecidos” com cabelos alisados loiros olhos claros diferentes do que é na realidade.

“Antigamente o pelourinho era o pau e o chicote. Hoje está nos meios de comunicação de massa. Somos chicoteados a toda hora em nossa autoestima.”

Antônio Pitanga

APÊNDICE 2

Relatório da oficina o negro na mídia

A oficina desenvolvida como um dos meios de avaliação da disciplina de Educação e Africanidades, ministrada pela professora Rosângela Souza, que tinha por objetivo fazer um diálogo com as crianças da escola pública, sobre o negro na mídia, como e quem são os negros que estão nas nossas mídias hoje em dia.

A oficina começa com o desenvolvimento de uma dinâmica que é a dinâmica da caixa, figura 1, onde dentro de uma caixa de presente tem um espelho onde as crianças irão abrir e dizer o que veem ali dentro. As respostas nos surpreenderam por conta da negação da maioria com a sua raça, sendo a maioria das crianças ali presentes eram negras para preservar a identidade das crianças usaremos nomes fictícios.

A dinâmica começa por João que tem 12 anos que diz ao abrir a caixa: vejo um menino moreno alto cabelo cortado que gosta de estudar, ele rir e passa a caixa em seguida Ana sabre rir e diz vejo uma menina clara dos olhos escuros cabelos cacheados com 11 anos, logo após, a professora da turma abre a caixa diz: uma mulher de 42 anos morena cabelos lisos olhos castanhos muito bonita sorri e passa a caixa em seguida Paula, morena clara cabelos lisos até as costas 12 anos bonita, em seguida passa a caixa, José diz moreninho 12 anos cabelo curtos, Raimundo abre a caixa e diz vejo um menino moreno escuro boca grande (sendo que nesse momento há uma repressão por parte de alguns colegas) de 11 anos, logo após Carlos diz moreno 10 anos e passa a diante, Maria diz: uma menina bonita sorridente 12 anos, Leticia clara cabelos cacheados 11 anos, Joana que foi uma das meninas que mais destoou nas respostas ela abri a caixa sorrindo e diz vejo uma menina de 11 anos, feia escurinha, cabelo duro, boca grande (seu cabelo era cortado bem curto como o dos meninos, todos disseram alguns sorrindo e outros nem tanto, “tá doida isso é coisa para você dizer”, outros disseram “liga não pró ela é assim mesmo”) ela continua a referir-se a si mesmo com adjetivos negativos e no final diz ninguém tem coragem dizer mas eu sei que sou feia, a sala com algumas conversas paralelas continuaram a dinâmica Julia sou morena me acho bonita tenho 10 anos, Maria cabelos cacheados, morena brincalhona, Paulo 11 anos moreno bonito baixinho, Carine cabelos cacheados 12 anos gordinha, morena, Regina morena clara 11 anos bonita, Rita gordinha morena 11 anos

estudiosa, Marcia cabelos cacheados morena 11 anos bonita, Claudia morena clara cabelos grande, 12 anos , Fernanda morena 11 anos.

Vele ressaltar que não foi pedido para eles falarem nem sobre idade nem cor de pele ou raça, mas eles foram copiando com algumas alterações o que os primeiros disseram. Logo em seguida a caixa veio para minhas mãos abri a caixa e disse: Vejo uma mulher negra cabelos crespos lábios fartos, nariz um pouco achatado, orelhas pequenas, muito bonita, e logo notei a surpresa da maioria porém poucos disseram alguma coisa, Joana que logo percebi que era uma das mais participativas disse: Mas professora eu sou mais escura que a senhora e sou morena, a senhora não é negra, eu expliquei a ela quero meu tom de pele era por conta da minha mãe ser mais clara que meu pai porem ele é negro e eu também sou, e falei das nossas descendência que o Brasil tem em sua maioria negros que foram trazidos pro Brasil no período colonial, como escravos e o Brasil se tornou uma mistura de negros índios e brancos.

Em seguida começamos a oficina que segue anexo 1, como uma breve explicação do que é mídia e quais os objetivos da oficina, e principalmente o modo como o negro é representado e/ou aparece na mídia em geral.

Foi mostrada a eles a primeira aparição do negro nas telenovelas brasileiras, aparece uma negra “escrava” vestindo sua senhora branca e a cara de nojo que a senhora olhava para sua escrava, depois foi apresentada outras imagens de população negro, algumas crianças negras, foi discutido com as crianças em quais papeis essas, uma criança é Jean Paulo que faz o personagem de Cirilo do carrossel do SBT, foi perguntado características do seu personagem? Julia respondeu ele sofre porque gosta de uma menina rica e ela não gosta dele, porque ele é pobre, Carine disse: ela não gosta porque ele é escurinho e ela é branquinha, Joana disse: mas ele também só faz besteira, fica atrás dela não está vendo que ela não vai querer ele. Notamos que as crianças ainda atribuem o preconceito sofrido pelo menino a ele próprio, e não a quem é preconceituoso. Depois a imagem de Julia Oliver Pata de chiquititas, que tem a seguinte descrição na sinopse da novela Rebelde e arredia, “Pata é fiel aos poucos amigos que tem. Garota esperta e ligada em tudo o que acontece em sua volta, é sincera e fala tudo o que pensa. Compra briga para defender o que acredita ou quem gosta. Sua única família é o irmão, Mosca. Após fugir de casa e passar por vários orfanatos, Pata é presa pela polícia, separada do seu irmão e levada para a Casa Raio de Luz, sua última chance para não ser transferida para um reformatório. No orfanato, a adaptação da garota não é fácil, mas ela terá que aprender a conviver com as outras meninas.”

As crianças em sua maioria assistem essa novela, quando lhe foi feita a pergunta o que elas achavam de “Pata” qual a cor da pele e características físicas dela? Marcia disse cabelos cacheados e orna como eu, ela é linda, Fernanda ela é bem “danada” e gosta dos amigos. As crianças em geral não intitulam os personagens como negros elas não veem eles como negro além de não se reconhecerem nos personagens. Em seguida são apresentados vários personagens como: Marie Clarie (Salve Jorge da Globo), Thais Araújo e Sergio Malheiros (Preta e Rai da novela Da Cor do Pecado), Cacau Protasio (Zezé de Avenida Brasil), Camila Pitanga, Alanis Sherped Modelo internacional que a maioria nem conhecia, foi mostrado também imagens de cantores negros que aparecem na mídia.

Esses pontos a seguir foram discutidos com eles.

- O negro não é colocado como protagonista, ou papeis principais nas novelas.
- Os papeis ocupados pelos negros nas mídias em geral, são sempre de subserviência.
- É preciso garantir que a representação do negro não seja baseada em estereótipos.

Depois foi discutido um pouco o como a aparição da população negra é distorcida e totalmente fora do contexto cultural, pois muitas novelas retratam a população negra como escravo ou socialmente carente, e esta não é a realidade vista na sociedade atual.

Como meio de avaliação da oficina lhe foram feitas algumas perguntas

- Quem são os personagens negros vocês que conhecem, e quais papeis que já viram negros na TV?

João disse: Aquele ator que faz todo mundo odeia o Cri, (sendo que a família inteira retratada no programa é negro ele só retrata Cris), Leticia disse, conhecer Thais Araújo, elas sempre fazem novelas a grande maioria disse que conheciam os personagens mostrados no primeiro momento da oficina os atores de carrossel e chiquititas.

- De que forma essa população negra aparece nas novelas, propaganda e seriados?

Alguns disseram que eles são sempre pobres, ou trabalham de empregados, Marcia ou sofrem como Cirilo e Pata. (Sofrem alguma forma de preconceito seja pela sua condição social ou sua cor de pele) Paula como motoristas também.

- Em quais papeis vocês se reconhecem?

Em meio a um silêncio perguntei com quem vocês se acham parecidos que aparecem nas novelas e seriados filmes que vocês assistem? Joana prontamente foi logo respondendo: “Eles não iam querer uma menina feia assim como eu, com o cabelo duro desse jeito na novela né professora, muitos riram da resposta da menina, mas nenhum dele se pronunciou novamente sobre o questionamento.

- Thais Araújo aparece em dois momentos na oficina um com os cabelos cacheados e outra com os cabelos lisos qual das duas imagens vocês acharam que fica mais bonita?

Maria disse com os cabelos lisos ela está mais bonita, Paulo concordou com a colega dizendo que os cabelos lisos são mais bonitos, Rita que apesar de não ter dito também tem os cabelos crespos, disse os cabelos cacheados, eu fiz associação com o cabelo da menina dizendo que os cabelos cacheados ela disse, mas o dela é bom pró o meu é duro, alguns não se manifestaram mais a grande maioria associou a imagem mais bonita a que a atriz Thais Araújo aparece com os cabelos lisos.

Depois das resposta conversei um pouco falei que os cabelos naturais da atriz Thais Araújo assim como o de Camila Pitanga e algumas outras atrizes que eles conhecem são cacheados ou crespos que não há cabelos duro, ainda fiz a comparação que duro seria algo como a cadeira ou a mesa que estava ao meu lado, mas seus cabelos são cacheados, crespos ou ondulados, e que muitas pessoas alisam os cabelos para parecer com as personagens pois na mídia tentam aproximar a população negra da aparência da população branca. Mas cada uma tem a sua beleza assim como os cabelos lisos o cacheado são igualmente, bonitos como os ondulados e crespos. Li a conclusão e uma frase de Antônio Pitanga.

Fui agradecer a todos a professora da turma veio tentar se desculpar pelo comportamento e respostas de Joana, em seguida fui até Joana disse a ela que era uma criança linda quando fui pegar em seus cabelos ela sorriu e disse vai furar sua mão professora, mesmo assim continuei fiz carinho na sua cabeça agradecei a ela pela participação na oficina e continuei a reafirmar sua beleza, ela sorriu sem graça e agradeceu. O comportamento daquela aluna em especial me chamou atenção por conta da sinceridade que ela fala ao falar de si, e do como ela se sentia com a falta de referências positivas sobre sua cor de pele cabelos e características.